



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS - FCA

VALÉRIA DE SOUZA RUIZ

**A relevância do Código de Pontuação da Ginástica
Artística na iniciação esportiva: um olhar pedagógico**

Limeira, SP

2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS - FCA

VALÉRIA DE SOUZA RUIZ

**A relevância do Código de Pontuação da Ginástica Artística na
iniciação esportiva: um olhar pedagógico**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito
parcial para a obtenção do título de
bacharel em Ciências do Esporte à
Faculdade de Ciências Aplicadas da
Universidade Estadual de
Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana de Toledo

Limeira, SP

2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas
Renata Eleuterio da Silva - CRB 8/9281

R859r Ruiz, Valéria de Souza, 1993-
A relevância do código de pontuação da ginástica artística na iniciação esportiva : um olhar pedagógico / Valéria de Souza Ruiz. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Eliana de Toledo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Esportes - Pedagogia. 2. Ginástica artística. 3. Crianças - Desenvolvimento. 4. Ciências do esporte. I. Toledo, Eliana de, 1973-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The relevance of the code of points artistic gymnastics in sport initiation: a pedagogical approach

Palavras-chave em inglês:

Sports - Pedagogy

Artistic gymnastics

Children - Development

Sports sciences

Titulação: Bacharel em Ciências do Esporte

Banca examinadora:

Eliana de Toledo [Orientador]

Marco Antonio Coelho Bortoleto

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima

Data de entrega do trabalho definitivo: 19-06-2015

Dedico este trabalho a minha amada mãe, Magda, que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas, com muito amor e ensinamentos que contribuíram para que eu me tornasse uma pessoa melhor. Esta conquista é dedicada à ela!

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas passaram por minha vida agregando valores que carrego sempre comigo, e são essas que merecem o meu mais sincero agradecimento.

À família Souza e Ruiz, pelo apoio em todas as fases da minha vida.

À minha tia Mônica, pela ajuda nas traduções deste trabalho.

Aos amigos que a Universidade me deu, pelo carinho e parceria durante esses anos.

Ao Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica – LAPEGI –, por me proporcionarem experiências incríveis e momentos de alegria e satisfação pessoal.

Às minhas veteranas, Maria Letícia e Bianca, por toda a ajuda neste trabalho.

À minha segunda família, República Haras, que me acolheram e cuidaram de mim nos momentos de maior dificuldade, e vibraram minhas conquistas, se mostrando sempre presentes nesses quatro anos. Ao meu sobrinho de coração, Marco Antonio, por cada momento de alegria e simplicidade. Á Juara Packer, um anjo que Deus nos deu a chance de conhecer, que tanto fez por nós em sua passagem pela terra.

Às minhas amigas de São Paulo, que estiveram ao meu lado em todos os momentos em que precisei, mesmo estando a 156 km de distância.

À família Ginástica da AABB/SP, por terem me proporcionado tantas experiências, tendo um papel fundamental na minha educação e crescimento pessoal.

Às instituições SESI Limeira, Espaço Olímpico e Clube Alto de Pinheiros, por terem me dado a oportunidade de adquirir conhecimento e experiência em minha área.

Aos profissionais incríveis que passaram pela minha vida: Regina, Rose, Robson, Ricardo, Luana, Nanô, Thaís, Sandra, Anderson, Mônica, Ana, Marol e Paola.

À terceira turma de Ciências do Esporte, por terem feito dos meus dias os melhores.

Aos técnicos, que cederam o seu pouco tempo livre para participar dessa pesquisa.

À todos os meus professores de graduação, pelo aprendizado que me proporcionaram na vida acadêmica e que auxiliaram em minha formação, em especial ao professor Luciano Mercadante, por todo o apoio e carinho.

À minha orientadora, Eliana de Toledo, por todo o incentivo e ensinamentos que me passou, não apenas acadêmicos, mas de vida, se tornando uma mãezona para mim.

Aos colaboradores deste trabalho, Marco Antônio Bortoleto e Letícia Queiroz.

E por fim, às pessoas mais importantes da minha vida, minha irmã Vanessa e minha mãe Magda, por estarem ao meu lado em todos os momentos, me fortalecendo em cada conquista e me guiando sempre para o caminho certo. Eu amo vocês!

RUIZ, Valéria de Souza. **A relevância do Código de Pontuação da Ginástica Artística na iniciação esportiva: um olhar pedagógico**. 2015. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2015.

RESUMO

A Ginástica Artística (GA) é uma modalidade esportiva que vem ganhando mais adeptos nas últimas duas décadas, porém, tanto pais como professores preocupam-se com o desenvolvimento das crianças (motor, psicológico, cognitivo, etc), dado a inserção precoce ao ambiente competitivo, processo comum nessa modalidade. Um dos motivos dessa preocupação está relacionado à alta demanda técnica dos elementos, norteados pelo Código de Pontuação da GA, que tem sido exigido pelos técnicos em suas aulas. Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo verificar de que maneira o CP pode interferir na iniciação de crianças à modalidade, e como é possível solucionar os problemas causados pela especialização precoce das mesmas. A pesquisa do tipo descritivo Thomas e Nelson (2002) utilizou como técnica o questionário, aplicado a 21 técnicos de Ginástica Artística que atuam em clubes e associações da cidade de São Paulo, e as respostas foram interpretadas pela Análise de Conteúdo de Bardin (2011). A partir das análises foi possível identificar que a grande maioria dos técnicos utiliza o regulamento oficial da modalidade como parâmetro para as aulas de iniciação esportiva, por este ser um norte para que a criança tenha sucesso nos campeonatos e festivais. A pesquisa pôde causar uma reflexão aos técnicos acerca da especialização precoce, e também possibilitou que os mesmos trouxessem à tona soluções interessantes para a problemática, como: a diminuição da faixa etária por categoria, e alteração nas exigências presentes no Código de Pontuação.

Palavras-chave: Ginástica artística, Código de pontuação, Processo de formação esportiva, Especialização precoce

RUIZ, Valéria de Souza. **The relevance of the Code of Points Artistic Gymnastics in sport initiation: a pedagogical approach.** 2015. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, 2015.

ABSTRACT

Artistic Gymnastics is a sport discipline that has become very adept at people over the last two decades. However, both parents and gymnastics coaches have been concerned about motor, psychological and cognitive development of children due to their early introduction to the competitive environment, process common in this sport. One reason for this concern is related to the high degree of technical demand of the elements, guided by the Artistic Gymnastics Code of Points, which has been required by the technicians in their classes. In this context, the aim of this research is to study how the Code of Points Artistic Gymnastics can interfere in the introduction of children to the discipline and investigate possible solutions to problems caused by premature specialization. The descriptive survey Thomas and Nelson (2002) took into account a questionnaire applied to 21 Artistic Gymnastic coaches that work in clubs and associations in the city of Sao Paulo and answers were interpreted according to Bardin Content Analysis (2011). Based on analysis, it was possible to identify that the great majority of coaches have used the official rules of the discipline as parameter in introductory classes as a direction to make children succeed in championship and festivals. The survey could give a reflection of premature specialization and also enabled that they bring to the fore provided interesting solutions to the problem such as the reduction of age per category and changes in these requirements in the Code of Points.

Keywords: Artistic Gymnastics, Code of Points, Process of sport formation, Early specialization.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Ginástica Artística nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896	17
FIGURA 2	Nádia Comaneci, primeira ginasta a tirar a nota máxima, de 10 pontos, nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976	19
FIGURA 3	Comemoração da seleção brasileira feminina de Ginástica Artística, classificada em 7º lugar nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.	22
FIGURA 4	Arthur Zanetti, ginasta brasileiro campeão na prova de argolas, nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012	23

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1	Ginastas da seleção brasileira de GAF (conquistas internacionais mais significantes)	23
QUADRO 1	Ginastas da seleção brasileira de GAM (conquistas internacionais mais significantes)	25
GRÁFICO 1	Gênero para qual os sujeitos da pesquisa lecionam suas aulas	36
GRÁFICO 2	Nível para qual os sujeitos da pesquisa lecionam suas aulas	37
GRÁFICO 3	Faixa etária para qual os sujeitos da pesquisa lecionam suas aulas	37
GRÁFICO 4	Respostas estabelecidas na questão 8	39
GRÁFICO 5	Respostas estabelecidas na questão 9	39
TABELA 1	Respostas estabelecidas na questão 10	40
TABELA 2	Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão 7	41
TABELA 3	Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão 7	42
TABELA 4	Categorização estabelecida da questão número 7	43
TABELA 5	Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 11	44
TABELA 6	Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 11	45
TABELA 7	Categorização estabelecida da questão número 11	46
TABELA 8	Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 12	47
TABELA 9	Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 12	48

TABELA 10	Categorização estabelecida da questão número 12	49
TABELA 11	Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 13	50
TABELA 12	Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 13	51
TABELA 13	Categorização estabelecida da questão número 13	52
TABELA 14	Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 14	53
TABELA 15	Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 14	55
TABELA 16	Categorização estabelecida da questão número 14	56
TABELA 17	Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 15	57
TABELA 18	Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 15	58
TABELA 19	Categorização estabelecida da questão número 15	59

LISTA DE ABREVIATURAS

CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CP	Código de Pontuação
FCA	Faculdade de Ciências Aplicadas
FGERJ	Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro
FEG	Federação Europeia de Ginástica
FIG	Federação Internacional de Ginástica
FPG	Federação Paulista de Ginástica
GA	Ginástica Artística
GAF	Ginástica Artística Feminina
GAM	Ginástica Artística Masculina
GO	Ginástica Olímpica
JO	Jogos Olímpicos
LAPEGI	Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A GINÁSTICA ARTÍSTICA (GA)	17
2.1 A Ginástica Artística no Brasil	21
3. A BUSCA PELA PERFEIÇÃO	28
3.1 Processo de formação esportiva	28
3.1.1 Iniciação esportiva	29
3.1.2 Treinamento esportivo	30
3.2 Especialização precoce	31
4. MÉTODOS DE PESQUISA	33
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERENCIAIS TEÓRICOS	63
APÊNDICES	66
Apêndice A – Questionário	66
Apêndice B – Carta Convite	68
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	69
ANEXOS	72
Parecer do comitê de ética	72

1. INTRODUÇÃO

A Ginástica Artística (GA) é uma modalidade esportiva que vem ganhando mais adeptos nas últimas duas décadas, principalmente devido aos destaques brasileiros em nível internacional. Alguns nomes renomados - Diego Hipólito, Daiane dos Santos, Daniele Hipólito, Jade Barbosa, Arthur Zanetti, Flávia Saraiva -, e suas respectivas histórias encantam e chamam a atenção de crianças, que por fim, acabam desejando ter o mesmo nível de performance que estes atletas, tornando-se futuros campeões. Conforme a evolução da GA, mais indivíduos se interessam pela prática, e com isso algumas mudanças se fazem necessárias para aumentar a complexidade e tornar este esporte único, com diferencial sobre os outros, se tornando mais atrativo para a mídia, que ajuda na divulgação da modalidade.

Como em qualquer esporte, esse é um contexto favorável ao incentivo da prática, no entanto, não se mostra suficiente para atrair mais adeptos. No caso da GA, dados revelam que a prática e a especialização iniciam em tenra idade em ambos os gêneros (NUNOMURA, CARRARA e TSUKAMOTO, 2010), e isso pode não ser um fator positivo.

Para se tornar um atleta de alto rendimento na modalidade, a rotina de treinamento dura muitos anos, e isso faz com que alguns ginastas iniciam a prática tão cedo, e conseqüentemente, se especializam precocemente. E muitos indicadores de performance tem apontado que o maior sucesso das ginastas tem se dado numa faixa etária infantil e da pré-adolescência. Mas isso “não significa que se começar mais tarde não possa chegar ao pódio, como fizeram Daiane e tantos outros ginastas” (NUNOMURA, 2008, p. 79), como também não significa que se iniciar tão cedo é garantia de sucesso.

Dito isso, há uma grande preocupação por parte de pesquisadores da Pedagogia do Esporte com o desenvolvimento das crianças, dado a inserção precoce ao ambiente competitivo (PAES, 2007; BENTO, 2006; SCAGLIA, 2004; NISTA-PICCOLO e TOLEDO, 2014), com treinamentos que possuem como base o regulamento oficial da modalidade determinado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG, 2015), desrespeitando-se um adequado desenvolvimento infantil.

O desenvolvimento infantil segue padrões, que descrevem a maneira como as habilidades se desenvolvem e as idades em que, aproximadamente, aparecem

(SABBAG, 2008), envolvendo três fatores comportamentais: cognitivo, psicomotor e afetivo, que quando integrados promovem o desenvolvimento integral.

Com a maior visibilidade da GA, e à medida em que ela se torna cada vez mais popular, tendo uma grande evolução para as gerações atuais, “as ginastas iniciam mais cedo, mesmo que levadas por seus pais” (SCHIAVON, 2009, p.183). E presume-se que a tendência é de que quanto mais cedo a criança iniciar na modalidade, mais cedo ela se especializará, por incentivo dos técnicos, pais, e às vezes por vontade própria.

A questão não é oferecer a prática da modalidade às crianças, pelo contrário, pois a GA possibilita que o praticante adquira habilidades importantes para qualquer outro esporte que vá praticar. O grande problema, e que se torna a preocupação desta pesquisa, é o de especializá-las antes de uma idade adequada, prejudicando o seu desenvolvimento integral.

Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo principal analisar de que maneira o Código de Pontuação da GAF ou GAM interfere no desenvolvimento das aulas de iniciação esportiva, e que podem posteriormente se tornar uma especialização precoce na vida esportiva da criança. Tem ainda como objetivos específicos:

- Verificar qual a faixa etária em que as crianças são inseridas em campeonatos, tanto de massificação como federados;
- Analisar a metodologia de ensino utilizada pelos técnicos, e se estes utilizam de alguma maneira o regulamento oficial como ferramenta de ensino nas aulas de iniciação esportiva;
- Avaliar quais são os critérios utilizados pelos técnicos para passar as crianças de um nível de treinamento para outro superior, e consequentemente inserir essas crianças em campeonatos;
- Gerar a reflexão dos técnicos sobre o assunto tratado na pesquisa;
- Procurar possíveis soluções acerca da especialização precoce na GA.

Sua justificativa se dá devido às crianças estarem acelerando o seu processo de formação e aprendizagem, passando para uma fase mais evoluída do treinamento, e consequentemente iniciando sua performance em campeonatos cada vez mais cedo, sem que isto acompanhe o seu ritmo e proporcione benefícios ao seu desenvolvimento integral.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o processo de formação esportiva do atleta, procurando entender a especialização precoce na sua totalidade, para então focar nos possíveis motivos pelo qual essa especialização ocorre de forma histórica e tão intensa na modalidade. Sua justificativa se dá devido as crianças estarem acelerando o seu processo de formação e aprendizagem, passando para uma fase mais evoluída de treinamento cada vez mais cedo, sem que esta acompanhe o seu ritmo e proporcione benefícios ao seu desenvolvimento.

Este trabalho monográfico será composto por mais seis capítulos:

O primeiro deles tratará da Ginástica Artística em sua totalidade, fazendo uma breve introdução histórica sobre a ginástica no Brasil, explicando conceitos e características, e o regulamento oficial da modalidade.

O segundo passará pelas etapas do processo de formação esportiva, procurando entender cada fase – iniciação esportiva e treinamento esportivo -, e a importância de não ultrapassá-las, para que não haja uma especialização precoce.

Após um apanhado na revisão de literatura, nos próximos três capítulos, serão apresentados os objetivos e métodos utilizados na pesquisa, seguindo da apresentação e análise dos resultados obtidos neste trabalho. E por fim, as considerações finais, realizada pela autora da monografia, com o intuito de concluir a pesquisa, que teve seus objetivos alcançados.

2. A GINÁSTICA ARTÍSTICA (GA)

Denominada antigamente e por décadas como Ginástica Olímpica (GO), devido ao fato de ter sido a primeira modalidade de ginástica a integrar os Jogos Olímpicos, a Ginástica Artística (GA), teve seu surgimento no final do século XIX (NUNOMURA, 2008), a partir das influências do professor Friedrich Ludwig Jahn, considerado o pai da Ginástica. Sua primeira aparição ocorreu nos Jogos Olímpicos de Atenas em 1896, com participação apenas de países europeus e ginastas masculinos (SCHIAVON, 2009).

Figura 1 – Ginástica Olímpica nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896.

Fonte: www.rio2016.com.br/



Foi apenas no ano de 1928, nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, que as mulheres conquistaram seu espaço na modalidade.

O crescimento e desenvolvimento da Ginástica como um todo, sob a influência de grandes pedagogos, promoveu a criação de várias federações nacionais, como a Sociedade Federal de Ginástica, da Suíça (1832), federações nacionais da Alemanha (1860), da Bélgica (1865), da Polônia (1867), da Holanda (1868) e da França (1876). Para unificar estas federações, e facilitar as resoluções acerca dos temas gímnicos, foi fundada a Federação Europeia de Ginástica – FEG, em 1881, que após anos, em 1921 passou a ser denominada Federação Internacional de Ginástica – FIG. (SANTOS, PUBLIO, ALONSO, CRAUSE, POLI, BASTOS, AMBRÓSIO, 2006).

A Ginástica Artística é uma das modalidades gímnicas geridas pela FIG. É uma modalidade esportiva individual, que possui fins competitivos, caracterizada por um conjunto de exercícios corporais sistematizados em que há uma combinação de habilidades motoras e capacidades físicas diversas. É uma ótima promotora do

desenvolvimento físico e motor, se tornando uma das modalidades que melhor contribui para o desenvolvimento na infância (NUNOMURA & NISTA-PICCOLO, 2005).

Pode ser praticada por homens (Ginástica Artística Masculina – GAM) e mulheres (Ginástica Artística Feminina – GAF), porém, há uma diferença nas provas realizadas em cada gênero. A GAF é composta por quatro provas, sendo elas, solo, salto, trave de equilíbrio e paralelas assimétricas. Já a GAM é composta por seis provas, sendo, solo, salto, cavalo com alças, argolas, barras fixas e barras paralelas (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA, 2014).

Com uma combinação de diversos fatores – força, flexibilidade, agilidade, determinação e coragem – a modalidade tem por finalidade “a busca da perfeição dos movimentos por meio do domínio do corpo em aparelhos específicos” (NUNOMURA, 2008, p. 33). É considerada uma modalidade na qual se prevalece o domínio do corpo em situações inabituais, em diferentes alturas, velocidades, deslocamentos, posicionamentos e empunhaduras, atividades estas que proporcionam diversificadas experiências motoras (GAIO; GOIS; BATISTA, 2010).

Portanto, é uma atividade que traz uma série de contribuições para o desenvolvimento físico, social, afetivo e mental, oportunizando o prazer pela prática e desenvolvendo habilidades e capacidades físicas que são essenciais no cotidiano do ser humano. Além disso, pode contribuir para a formação esportiva de maneira geral, pois “estimula as capacidades físicas e motoras, que também são importantes para a prática de outras modalidades esportivas.” (NUNOMURA, CARRARA e TSUKAMOTO, 2010, p. 3).

A modalidade pode ser praticada por todos, pois seu conteúdo pode ser organizado de forma objetiva e os profissionais que possuem pouca experiência nesta área também podem desenvolvê-la de forma segura e progressiva (NUNOMURA & TSUKAMOTO, 2008).

Este é um dos motivos pelo qual ela vem crescendo no cenário mundial. Porém, ao mesmo tempo em que ela proporciona diversos benefícios, existem cuidados que devem ser tomados para que o praticante não tenha o seu desenvolvimento prejudicado, e é por isso que estudos são importantes e fundamentais para o crescimento desta área.

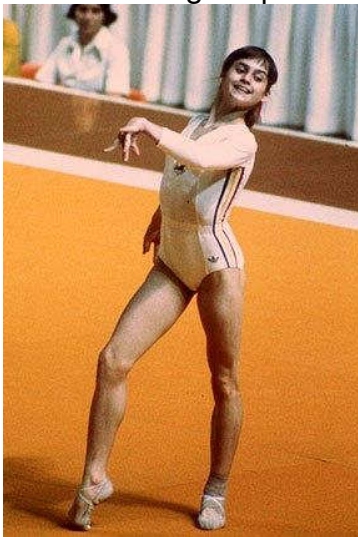
Assim como todas as modalidades esportivas, a GA também é regida por uma regulamentação específica, e esta se denomina Código de Pontuação, cujo objetivo é o de avaliar o desempenho e evolução das ginastas (ABTIBOL, 1980).

O Código de Pontuação foi criado em 1949, pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), contendo 12 páginas, para orientação dos árbitros, “dividindo o julgamento em três fatores: dificuldade, combinação e execução” (PÚBLIO, 1998, p. 297), e até hoje vem sofrendo mudanças a fim de melhorar o julgamento nas provas. O código é “constantemente reeditado acompanhando a evolução do esporte” (OLIVEIRA, 2007, p.23), e as mudanças são realizadas a cada ciclo olímpico.

Os praticantes da modalidade executavam elementos ginásticos com certo grau de dificuldade e perfeição, com o intuito de receber a nota máxima, de 10 pontos. A romena Nadia Comaneci, de apenas 14 anos, foi a primeira ginasta a conquistar a nota máxima - de 10 pontos – nos Jogos Olímpicos de Montreal em 1976 (PÚBLIO, 1998).

Figura 2 – Nádia Comaneci, primeira ginasta a tirar a nota máxima, de 10 pontos, nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976.

Fonte: www.megaarquivo.com/



Porém, em 2006, uma mudança significativa no regulamento foi promovida pela FIG, e a nota máxima, que antes totalizava 10 pontos, não tinha mais limite. Sendo assim, os árbitros são divididos em duas bancas, segundo a Federação Internacional de Ginástica – FIG (CÓDIGO DE PONTUAÇÃO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA, 2014).

Uma banca de árbitros é responsável pela nota de execução – banca E –, que parte de 10 pontos se cumpridas todas as exigências de execução descritas no

regulamento, e os erros e falhas cometidos durante a série são descontados, resultando numa pontuação.

A outra banca de árbitros – banca D – é responsável pela nota de dificuldade, tendo em vista que sua nota de partida depende de quantos elementos de dificuldade o ginasta executa. Nesta, os elementos são classificados de A a I, tendo valores diferentes em cada categoria – por exemplo, elementos da categoria A recebem o valor de 0.1, enquanto elementos da categoria B recebem o valor de 0.2, e assim consecutivamente.

A partir desta mudança, podemos observar um aumento no nível de dificuldade dos elementos, pois os ginastas possuem o desejo de realizar a melhor performance, e para que se aproximem disso é necessário executar elementos de maior valor, ou seja, de maior dificuldade, com precisão técnica.

Em função dos resultados obtidos nos campeonatos pelos ginastas brasileiros, e conseqüentemente, da divulgação da modalidade atualmente (NISTA-PICCOLO, 2008), é notório que algumas crianças iniciam na GA com o intuito de se tornarem futuros campeões, e para que isso seja possível, acabam seguindo rigorosamente o treinamento planejado pelos seus técnicos, que tomam como base o regulamento da modalidade. Este regulamento é seguido, pois nos campeonatos ele é o único critério para o julgamento das provas e a base para demais regulamentos, e isso faz com que os técnicos treinem seus alunos para executar elementos presentes no mesmo.

De acordo com Nunomura e Tsukamoto (2006), devido a Ginástica Artística possuir um caráter competitivo, ela tem por objetivo desenvolver as habilidades específicas com alta precisão técnica e que atenda ao nível de exigência do Código de Pontuação, ou seja, o regulamento da modalidade.

Alguns autores (ROSE JR, 2002; BOMPA, 2000) dialogam a favor de campeonatos e festivais, pois contribuem positivamente para o processo de formação esportiva. Porém, estes não devem ser o objetivo principal para a participação de crianças na modalidade e nem a única forma de avaliação, mas sim um estímulo motivador para a prática.

Em constante evolução, a GA vem ganhando muitos adeptos a prática, e para entender melhor este contexto é de suma importância que entendamos melhor seu histórico no Brasil, suas influências e crescimento.

2.1. A Ginástica Artística no Brasil

A GA surgiu no Brasil, aproximadamente em 1842, devido a colonização alemã na região sul de nosso país, sendo o Rio Grande do Sul o primeiro estado a iniciar oficialmente a prática da modalidade (PUBLIO, 1998). Em 1948, foi fundada a Federação Paulista de Ginástica e Halterofilismo, que foi desmembrada após oito anos, fundando a Federação Paulista de Ginástica (FPG).

Em 1951, três federações se uniram a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), sendo estas a Federação Paulista de Ginástica e Halterofilismo, a Federação Paulista de Ginástica (FPG), e a Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ). A CBD, na época, era o único órgão brasileiro de reconhecimento internacional, e foi apenas no ano de 1978 que a CBD foi desmembrada, originando a Confederação Brasileira de Ginástica (PUBLIO, 1998).

Algumas práticas gímnicas são regidas institucionalmente por dois órgãos, no cenário internacional e nacional, sendo esses respectivamente, a Federação Internacional de Ginástica (FIG – www.fig-gymnastics.com) e a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG – www.cbginastica.com.br), sendo esta segunda subordinada à primeira (BROCHADO, 2011).

É interessante realizar, neste trabalho, uma breve introdução da evolução da Ginástica Artística brasileira em Jogos Olímpicos, ressaltando as principais conquistas e avanços, pois este é o principal evento internacional que engloba a GA, tornando-se o parâmetro para melhorar o esporte em nosso país.

Segundo revisão histórica de Oliveira (2007), o Brasil teve a sua primeira aparição em Jogos Olímpicos (JO) no ano de 1980, em Moscou, levando dois ginastas: Claudia Magalhães e João Luiz Ribeiro. Nas quatro edições que seguiam, foram classificados os ginastas Gerson Gnoatto e Tatiana Figueiredo (Los Angeles, 1984), Luisa Parente e Guilherme Saggese Pinto (Seul, 1988), Luisa Parente e Marco Antônio Monteiro (Barcelona, 1992), e Soraya Carvalho (Atlanta, 1996) – que não pode participar devido a uma lesão no tornozelo.

Vinte anos após a sua estreia, O Brasil se destacou nos JO de Sydney (Austrália) em 2000, classificando pela primeira vez na história da ginástica duas atletas: Daniele Hypólito e Camila Comin.

Foi apenas em 2004, nos JO de Atenas, que o Brasil levou, pela primeira vez, uma equipe feminina completa, composta por seis ginastas, sendo estas, Daniele

Hypolito, Camila Comin, Daiane dos Santos, Laís Souza, Caroline Molinari e Ana Paula Rodrigues. Também nessa edição dos JO, foi classificado o ginasta brasileiro Mosiah Rodrigues.

Em 2008, nos JO de Pequim, a seleção brasileira feminina se classificou em 7º lugar, garantindo uma vaga na final por equipes, com as ginastas Daiane dos Santos, Daniele Hypólito, Jade Barbosa, Ana Cláudia Silva, Ethiene Franco e Laís Souza. Nessa mesma edição dos JO, Diego Hypólito teve a sua primeira aparição, se classificando na final do solo masculino; Daiane dos Santos se classificou para a final do solo feminino; Jade Barbosa para a final do individual geral (todos os aparelhos); e Ana Cláudia Silva para a final do salto sobre o cavalo (clicRBS, 2008).

Figura 3 – Comemoração da seleção brasileira feminina de Ginástica Artística, classificada em 7º lugar nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

Fonte: www.globoesporte.globo.com/



Em 2012, O Brasil levou aos JO de Londres, três ginastas da categoria masculina, sendo estes, Diego Hypólito, Arthur Zanetti e Sérgio Sasaki, e cinco ginastas da categoria feminina: Daniele Hypólito, Daiane dos Santos, Ethiene Franco, Harumi de Freitas e Bruna Leal. Os estreantes olímpicos Arthur Zanetti e Sérgio Sasaki tiveram grande destaque frente às suas conquistas. O ginasta Sérgio Sasaki terminou em 10º no individual geral, e Arthur Zanetti garantiu ao Brasil o primeiro ouro olímpico na final das argolas.

Figura 3 – Arthur Zanetti, ginasta brasileiro campeão na prova de argolas, nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012

Fonte: www.lancenet.com.br/



Atualmente, a Ginástica Artística brasileira vem tentando redefinir sua equipe, trazendo novos rostos à seleção, como Flávia Saraiva, Ângelo de Assumpção, Henrique Medina Flores e Rebeca Andrade, que foram medalhistas na Copa do Mundo de Ginástica Artística, realizada em São Paulo, em Maio de 2015.

Segue abaixo um quadro, para melhor visualização, dos ginastas brasileiros que representaram o Brasil em campeonatos internacionais, trazendo conquistas significantes, que auxiliaram na evolução do esporte como um todo, segundo as fontes consultadas (OLIVEIRA, 2007; SCHIAVON, 2009; CBG, 2014; COB, 2015; Estadão Esportes, 2015; e Uol Esporte, 2015).

Quadro 1: Ginastas da seleção brasileira de GAF - conquistas internacionais mais significantes – de 1980 a 2015

Ginastas brasileiras da categoria feminina		
ANO	GINASTA	Conquistas internacionais
1980	Cláudia Magalhães	Classificou-se para disputar os JO – 31ª
1984	Tatiana Figueiredo	Classificou-se para disputar os JO – 27ª
1988 – 1992	Luisa Parente	Classificou-se para disputar duas edições dos JO. 1988 – 34ª e 1992 – 57ª. Em 1991, conquistou duas medalhas de ouro nos Jogos Pan-americanos (Havana – Cuba).
1996	Soraya Carvalho	Classificou-se para disputar os JO. Porém, uma lesão no tornozelo a retirou da competição.
1997 – 2015	Daniele Hypólito	Classificou-se nos JO de 2000 (20ª), 2004 (12ª), 2008 (75ª) e 2012 (20ª). No Mundial de 2001, conquistou o 2º lugar na prova de Solo e 4º no individual geral. Participação no Mundial de 2003, 2005, 2006, 2007, 2010. Medalhista dos Jogos Pan-americanos de 1997 (júnior), 1999, 2003, 2007, 2011. Na Copa do Mundo de 2002 e 2004, conquistou o 1º lugar na Trave; em 2006, o 2º lugar na Trave; e em 2011, o 1º lugar no Salto e 3º lugar no Solo.

1999 – 2001	Stefani Salani	Participação no Mundial de 1999 e 2001.
1999 – 2012	Daiane dos Santos	Participação nos Jogos Pan-americanos de 1999 (2º no Salto, 3º no Solo e 3º por equipes), de 2003 (3º por equipes) e 2007 (2º por equipes) Participação no Mundial de 2001, 2003 (1º no Solo), 2005, 2006 e 2007. No Mundial de 2003 apresentou um novo exercício no Solo, que recebeu seu sobrenome: Dos Santos. Classificada, na prova de Solo, em 5º lugar nos JO de 2004 e 6º lugar nos JO de 2008. Participou também dos JO de 2012 Na Copa do Mundo de 2006, conquistou o 1º lugar no Solo; e em 2011, o 3º lugar na mesma prova.
2000 – 2004	Camila Comin	Classificada para disputar os JO de 2000 e 2004, na qual conquistou a 16ª posição no individual geral. Participação no Mundial de 2003 (19º e 8º por equipes); e nos Jogos Pan-americanos de 2003 (3º por equipes, 8ª no individual geral e 4ª no Solo).
1999 – 2001	Heine Araújo	Participação nos Jogos Pan-americanos de 1999, onde a equipe brasileira conquistou o 3º lugar; e no Mundial de 2001, classificada na 65ª posição.
2001	Coral Borda	Participação no Mundial de 2001.
2003 – 2004	Caroline Molinari	Participação dos Jogos Pan-americanos de 2003 (3º por equipes); Mundial de 2003 (8º por equipes) e JO de 2004.
2003 – 2008	Lais Souza	Participação dos Jogos Pan-americanos de 2003 (3º por equipes) e de 2007 (2º por equipes, 3º Salto e Paralelas assimétricas); Mundial de 2003 (8º por equipes), 2006 e 2007; e JO de 2004 e 2008. Na Copa do Mundo de 2004, na prova de Salto, conquistou o 3º lugar; em 2005, o 1º lugar; e em 2006, o 3º lugar.
2003 – 2004	Ana Paula Rodrigues	Participação dos Jogos Pan-americanos de 2003 (3º por equipes); Mundial de 2003 (8º por equipes) e JO de 2004 (35ª no individual geral).
2004	Merly de Jesus	Classificou-se para as finais de todos os aparelhos na Copa do Mundo do Chile, em 2004.
2006	Bruna da Costa	Participação no Mundial de 2006 (7º por equipes).
2006	Juliana Chaves Santos	Participação no Mundial de 2006 (7º por equipes).
2007 – 2008	Ana Cláudia Silva	Participação dos Jogos Pan-americanos de 2007 (2º por equipes, e 6º nas Paralelas assimétricas); e Mundial de 2007. Classificada em 22º nos JO de 2008
2007	Khiuani Dias	Participação dos Jogos Pan-americanos de 2007 (2º por equipes, e 9º no individual geral); e Mundial de 2007.
2007 - 2014	Jade Barbosa	Classificada em 10º nos JO de 2004, e 7º lugar na prova de Salto nos JO de 2008. No Mundial de 2007 conquistou o 3º lugar. Participação no Mundial de 2010, nos Jogos Pan-americanos de 2011, e nos Jogos Sul-americanos de 2014 (1º por equipes e 1º lugar no individual geral).
2008 – 2012	Ethiene Franco	Participação dos JO de 2008 (8º por equipes), e 2012. Em 2009: Copa do Mundo de Cottbus (3º nas Paralelas assimétricas); Copa do Mundo de Maribor (3º nas Paralelas assimétricas e Solo).
2010 – 2011	Adrian Gomes	Na Copa do Mundo de Ghent, conquistou o 4º lugar. Participou dos Jogos Pan-americanos de 2011, e do Mundial de 2010 e 2011.
2010 – 2012	Bruna Leal	Participação dos Jogos Pan-americanos de 2011; do Mundial de 2010 e 2011; e dos JO de 2012.

2010 – 2011	Priscila Cobello	Participação dos Jogos Pan-americanos de 2011; e do Mundial de 2010 e 2011.
2011	Gabriela Soares	Participação no Mundial de 2011.
2012	Harumi de Freitas	Participação dos JO de 2012.
2014	Isabelle Cruz	Participação nos Jogos Sul-americanos (1º lugar por equipes, e 2º lugar no Salto), em 2014.
2014 – 2015	Julie Kim Sinmon	Participação nos Jogos Sul-americanos (1º lugar por equipes, e 3º lugar individual geral), em 2014. Em 2015, participou da Copa do Mundo em Liubliana, conquistando o 3º lugar na Trave.
2014 – 2015	Leticia Costa	Participação nos Jogos Sul-americanos (1º lugar por equipes, e 2º lugar individual geral), em 2014. Em 2015, conquistou o 4º lugar no Salto, na Copa do Mundo em São Paulo
2015	Rebeca Andrade	Copa do Mundo Liubliana: 3º nas Paralelas assimétricas. Copa do Mundo São Paulo: 2º no Salto.
2015	Lorrane Oliveira	Participou da Copa do Mundo em Liubliana, conquistando o 2º lugar na Trave.
2015	Flávia Saraiva	Participou da Copa do Mundo em São Paulo, conquistando o 1º lugar no Solo e 2º na Trave.

Quadro 2: Ginastas da seleção brasileira de GAM - conquistas internacionais mais significantes – de 1980 a 2015

Ginastas brasileiros da categoria masculina		
ANO	GINASTA	Conquistas internacionais
1980	João Luiz Ribeiro	Classificou-se para disputar a edição dos JO.
1984	Gerson Gnoatto	Classificou-se para disputar a edição dos JO.
1988	Guilherme Saggese Pinto	Participou da edição dos JO.
1992	Marco Antônio Monteiro	Participou da edição dos JO.
2002 – 2015	Diego Hypólito	Campeonato Mundial: 2002, 2003, 2005 (1º no Solo), 2006 (2º no Solo), 2007 (1º no Solo), 2009, 2011 (3º no Solo), 2013, 2014 (3º no Solo). Jogos Pan-americanos: 2003 (2º no Salto e por equipes), 2007 (1º no Salto e Solo, 2º por equipes), 2011 (1º no Salto, Solo e por equipes). Jogos Sul-americanos: 2010 (1º no Salto, Solo e por equipes). Jogos Olímpicos: 2008 (6º no Solo), 2012. Em 2015 conquistou o 2º lugar no Solo e no Salto, na Copa do Mundo de Doha; e na Copa do Mundo de São Paulo o 2º no Solo e 3º no Salto.
2001 – 2009	Mosiah Rodrigues	Participação nos Jogos Sul-americanos em 2001 (1º lugar por equipes); em 2002 (1º no Cavalo e por equipes); em 2006 (2º na Barra fixa e 1º por equipes); em 2009 (3º individual geral e 2º por equipes). Jogos Pan-americanos de 2003 (2º por equipes, 3º Cavalo e Barra fixa); JO de 2004. Copa do Mundo: 2005 (2º na Barra fixa e 3º no Cavalo). Campeonato Mundial: 2005, 2007.
2003 – 2007	Danilo Nogueira	Conquistou o 2º lugar nos Jogos Pan-americanos de 2003 e 2007.
2003	Michel Conceição	Participação nos Jogos Pan-americanos de São Domingo: 3º no Salto e 2º no Solo
2003 – 2007	Victor Rosa	Jogos Pan-americanos: 2003 e 2007 (2º por equipes). Conquistou o 2º lugar na prova de Solo, na Copa do Mundo de Cottbus, em 2007

2006 – 2007	Luiz Augusto dos Anjos	Medalhista na Copa do Mundo em 2006, na prova de Barra fixa, e em 2007, 3º lugar.
2007	Adan Santos	Participou dos Jogos Pan-americanos, conquistando junto à equipe brasileira o 2º lugar.
2007	Caio Costa	Participou da Copa do Mundo de Cottbus.
2008 – 2015	Renato Oliveira	Em 2008, participou da Copa do Mundo na Escócia, e conquistou a 1ª colocação no Solo e a 2ª no Salto, no Sul-americano realizado no Peru. Em 2015, participou da Copa do Mundo em Liubliana.
2009 – 2015	Arthur Zanetti	Campeonato Mundial: Na prova de Argolas, conquistou o 4º lugar em 2009; 2º lugar em 2011 e em 2014 o 6º por equipes. Jogos Sul-americanos: Em 2010 e 2014, conquistou o 1º lugar nas Argolas. Jogos Pan-americanos: Em 2011 conquistou o 2º lugar nas Argolas e 1º por equipes; em 2015, 1º nas Argolas e 2º por equipes. Em 2015, na Copa do Mundo de Doha e de São Paulo: 1º lugar na prova de Argolas. Jogos Olímpicos 2012: 1º lugar nas Argolas.
2009 – 2014	Sérgio Sasaki	Participou do Mundial de 2009 (19º individual geral), 2013 (5º colocado) e 2014 (7º colocado). Jogos Sul-americanos 2010: 2º lugar no Salto e 1º por equipes. Jogos Pan-americanos 2011: 21º colocado no individual geral e 1º por equipes. Jogos Olímpicos de 2012: 10º colocado individual. Conquistou o 2º lugar no individual geral, na Copa do Mundo de Stuttgart, em 2014.
2011 – 2015	Pétrix Barbosa	Jogos Pan-americanos em 2011: 1º por equipes. Jogos Sul-americanos em 2013: 1º lugar na Barra fixa e 3º nas Paralelas. Copa do Mundo de Cottbus em 2013: 2º lugar na Barra fixa. Copa do Mundo de São Paulo em 2015: 6º lugar no Cavalo.
2011	Péricles Fouro	Participação nos Jogos Pan-americanos (1º lugar por equipes).
2011 – 2015	Francisco Barreto Junior	Participou dos Jogos Pan-americanos em 2011 (1º lugar por equipes). Fez parte da equipe brasileira no Mundial de 2013 e 2014 (6º por equipes). Conquistou o 3º lugar nas Paralelas na Copa do Mundo de São Paulo em 2015. Na Copa do Mundo de Anadia em 2015, conquistou o 2º lugar na Barra fixa.
2013 – 2015	Caio Campos Souza	Conquistou o 3º lugar na prova de Salto na Copa do Mundo de Cottbus em 2013, e o 3º lugar na prova de Solo no Mundial de Anadia em 2015.
2013 – 2015	Arthur Nory Mariano	Fez parte da equipe brasileira no Mundial de 2013, na Copa do Mundo de Cottbus em 2013, e na Copa do Mundo de Stuttgart, em 2014. Em 2015, conquistou o 2º lugar na prova de Solo, na Copa do Mundo, em Doha.
2013 – 2015	Lucas Bittencourt	Fez parte da equipe brasileira no Mundial de 2013, e 2014 (6º por equipes) e na Copa do Mundo de Stuttgart, em 2014.
2014 – 2015	Hudson Miguel	Fez parte da equipe brasileira na Copa do Mundo de Cottbus em 2014, e na Copa do Mundo de Liubliana, em 2015.
2015	Henrique Medina	Conquistou o 3º lugar nas Argolas, na Copa do Mundo em São Paulo.

2015	Ângelo de Assumpção	Conquistou o 1º lugar no Salto, na Copa do Mundo em São Paulo. Fez parte da equipe brasileira na Copa do Mundo em Liubliana.
2015	Fellipe Arakawa	Fez parte da equipe brasileira na Copa do Mundo em Liubliana.

É possível analisar, com base no quadro exposto um crescimento, ao longo dos anos, no número de conquistas dos ginastas brasileiros em campeonatos internacionais. Isso mostra a evolução do esporte, no alto rendimento, que vem ganhando seu espaço no Brasil e no exterior.

3. A BUSCA PELA PERFEIÇÃO

Vista pela sociedade como uma modalidade de grande dificuldade, a GA visa o nível técnico, entendido como a execução de movimentos tecnicamente perfeitos e com um grau elevado de dificuldade (ABTIBOL, 1980).

Em constante evolução, o seu principal objetivo é trazer ginastas que executem movimentos perfeitos, com precisão técnica e nível de dificuldade cada vez maior, para embelezar a modalidade. E isso instiga e motiva os praticantes a evoluir, para que cheguem mais próximos da perfeição.

Um indivíduo, ao iniciar a prática no esporte - em geral, passa por um processo de formação, que tem como fim contribuir para o aprendizado e desenvolvimento esportivo destes praticantes, que podem ou não chegar ao alto rendimento futuramente.

Este capítulo trará alguns aspectos sobre o processo de formação esportiva de maneira geral e específica à modalidade, e suas contribuições para o desenvolvimento e evolução dos atletas.

3.1. Processo de formação esportiva

A formação esportiva é um processo extenso, que se divide em dois momentos distintos, porém interligados, sendo estes a iniciação e a especialização (TSUKAMOTO & NUNOMURA, 2005).

Então, num primeiro momento a criança é inserida na iniciação esportiva, sendo o seu primeiro contato com a modalidade, e conforme haja uma melhora no seu desempenho alcança um nível do treinamento aplicado à modalidade, denominado especialização.

Este processo de formação ocorre em todos os esportes, porém, a maneira como ocorre que se difere entre eles.

Vale ressaltar que “negligenciar qualquer uma das fases do processo de formação esportiva sempre acarretará em prejuízos e debilidades, seja de ordem técnica, tática, física, motora, emocional ou cognitiva” (NUNOMURA, CARRARA e CARBINATTO, 2010, p. 97), portanto, independente da facilidade ou talento que a

criança possui na modalidade, é importante que as etapas do processo de formação não sejam ultrapassadas.

Segundo Duarte (2008), quando a criança ultrapassa alguma fase de sua formação esportiva, ela raramente é capaz de “suportar” tal carga emocional. Ou seja, o treinamento específico, por ser rigoroso e impulsionado pela técnica de movimentos, acaba interferindo negativamente àqueles que ainda não estão preparados, não só fisicamente, mas também psicologicamente.

3.1.1. Iniciação esportiva

A iniciação esportiva é a fase que requer uma série de cuidados, pois esta é o primeiro contato da criança com o esporte, e se praticado de maneira errada pode ocasionar lesões e atrapalhar o desenvolvimento motor.

O desenvolvimento motor, segundo Rosa Neto (2002), possibilita que as crianças adquiram um vasto repertório de movimentos, proporcionando a elas a obtenção de um amplo domínio dos elementos da motricidade – motricidade fina e global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal e lateralidade.

A iniciação esportiva é relevante para desenvolver capacidades motoras e para educar para a autonomia; para educar as habilidades específicas e para investir em aulas que sinalizem para o fato de a criança aprender a gostar de esporte; para ensinar as habilidades táticas e para introduzir uma cultura de lazer esportivo; para introduzir a competição e para socializar conhecimentos; para avaliar a condição motora e para fortalecer a autonomia (PAES; BALBINO, 2005, p.12).

As habilidades gímnicas são “excelentes promotoras do desenvolvimento físico e motor de quem pratica a modalidade” (BROCHADO, 2011, p.23), sendo assim, deve-se oferecer a prática da modalidade para as crianças com a intenção de melhorar as habilidades motoras.

O treinamento de crianças deve ser ensinado de forma lúdica, podendo ser utilizado os jogos e as brincadeiras, a fim de ensinar os fundamentos da modalidade, e “satisfazer a necessidade infantil de movimento, a curiosidade infantil e sua necessidade de variação” (WEINECK, 1999, p.554).

Os fundamentos da GA são de extrema importância para a fase de desenvolvimento das crianças, e a prática pode aprimorar as capacidades físicas básicas dos movimentos da criança. (SCHIAVON, 1996).

Quando orientada de maneira adequada, as contribuições proporcionadas pela prática esportiva abrangem todas as dimensões do desenvolvimento, sejam elas sociais, cognitivas, afetivas, física ou motora (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005). Porém, caso contrário, pode ser prejudicial à criança.

Para Bompa (2002), a iniciação da criança em atividades esportivas organizadas é indicada a partir dos 6 anos de idade, pois após essa idade a criança já desenvolveu grande parte das capacidades motoras necessárias para realizar diversas atividades como, correr saltar e arremessar.

Para Bento (1999), a iniciação de crianças ao esporte pode servir de instrumento para diversos fins, podendo proporcionar o interesse por atividades físicas com o propósito de uma vida mais saudável e prazerosa; podendo cumprir a função de reprodução social e cultural, trazendo satisfação pessoal.

3.1.2. Treinamento esportivo

Após a passagem pela iniciação esportiva, a criança é direcionada a uma fase mais complexa, de treinamento aplicado à modalidade, que pode ser definida “como um processo repetitivo e sistemático composto de exercícios progressivos que visam ao aperfeiçoamento do desempenho.” (TRICOLI; SERRÃO, 2005, p. 143).

Nesta fase o treinamento das capacidades físicas mais utilizadas na GA – resistência, força, flexibilidade, coordenação, velocidade – são essenciais e muito trabalhadas para adquirir excelência nos movimentos, e a carga de treinamento são aumentadas, por conta disso há um maior desgaste físico e emocional. Isso ocorre pois sua finalidade é a de aperfeiçoar os movimentos já existentes, aprendidos na fase de iniciação esportiva.

O treinamento é rigoroso, e requer uma preparação completa do atleta para que esteja bem condicionado e tenha um ótimo rendimento nos campeonatos. Para chegar ao alto nível “é necessário passar por um longo processo de formação esportiva” (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005).

Quando a criança passa para o treinamento específico sem que esteja dentro da idade apropriada, ela acaba sofrendo uma especialização precoce, batendo de frente com todo o conceito de processo de formação estabelecido.

Os autores Bompa (2002) e Weineck (1999), discorrem que mesmo em fase de desenvolvimento, a criança é tratada, muitas vezes, no ambiente esportivo como um

adulto em miniatura, e que isso não deve acontecer. A criança não deve ser submetida a uma carga de treinamento comparada ao treinamento de adultos, pois para essa aplicação deve ser considerado e priorizado o seu desenvolvimento e crescimento.

3.2. Especialização precoce

Atualmente, as crianças têm iniciado a prática da Ginástica Artística cada vez mais cedo, com a intenção de se tornar um campeão, e não pelo prazer do jogo, ou da modalidade, seguindo a tendência de outras modalidades, principalmente o futebol. E isso faz com que a especialização precoce seja comum, quando na verdade deveria ser uma preocupação à nível global.

A especialização precoce significa o processo pelo qual às crianças se tornam especializadas em um determinado esporte mais cedo do que a idade apropriada para a mesma (RAMOS; NEVES, 2008).

Um dos principais fatores pelo qual as crianças se especializam precocemente na GA é devido a assimilação e automatização de movimentos de alta complexidade que elas adquirem na infância, juntamente com a alta capacidade coordenativa (ARAÚJO, 1998). Com isso, crianças acabam por ter maior facilidade em executar elementos ginásticos de dificuldade.

Em esportes de alto nível, o ideal não é uma especialização precoce, mas oportuna, que leva em consideração os princípios básicos do treinamento na juventude. A especialização deve ser retardada o máximo possível, sendo oportunamente iniciada sobre um treinamento básico sólido e abrangente que considere o desenvolvimento individual, as capacidades coordenativas gerais, levando a um desempenho específico elevado e duradouro. (WEINECK, 1999, p.128).

A especialização precoce, segundo alguns autores (BOMPA, 2000; MARQUES, 1991; GALDINO; MACHADO, 2008), não é aconselhada, pois acarreta uma série de consequências negativas aos praticantes como reclusão do repertório motor, aumento da incidência de lesões, entre outros fatores prejudiciais para o desenvolvimento da criança.

Muitas são as discussões por parte deste assunto, e no caso da presente pesquisa, especula-se que um fator contribuinte para essa especialização precoce pode ser a rigidez do Código de Pontuação quando aplicado às crianças, pois, em

muitos casos, elas se sentem desmotivadas pelo seu rendimento em uma competição, devido à técnica exigida e a comparação formal entre as ginastas participantes.

Temos muitos ginastas representando seus países com idade acima de 20 anos, portanto, isso prova que não é necessário se especializar precocemente para se tornar um campeão. Temos um grande exemplo, a ex ginasta Daiane dos Santos, que comparado ao contexto em que estamos inseridos, iniciou tarde o treinamento aplicado à modalidade e chegou ao alto nível, com conquistas significantes para o nosso país.

4. MÉTODOS DE PESQUISA

A metodologia utilizada na pesquisa pode ser dividida em três etapas.

Na primeira etapa, ocorreu uma pesquisa documental, que “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p.69). Inicialmente foi realizado um levantamento de clubes e associações do estado de São Paulo, que participam de festivais e campeonatos de Ginástica Artística (GA), organizados pela Federação Paulista de Ginástica, através da lista de instituições participantes em dois campeonatos específicos, sendo estes, a Copa São Paulo e Troféu São Paulo. Em seguida, houve um levantamento dos técnicos/professores das instituições encontradas, que dão aula para as turmas de iniciação e treinamento específico da modalidade, pois estes eram o público alvo da pesquisa.

Obtido os nomes dos técnicos/professores, buscou-se atualizar os contatos de email obtidos, assim como, obter os contatos daqueles que não haviam sido encontrados (via mecanismos da internet, como pelo site do Google e pela rede social Facebook). Outros mecanismos foram utilizados, como o apoio da orientadora profa. Eliana de Toledo, dado que possuía alguns contatos (dado sua atuação no contexto da Ginástica), o auxílio dos membros do LAPEGI – Laboratório de Pesquisas e Experiências em Ginástica (do qual também faço parte), e também de profissionais da área – Profa Roseane Costa e Luana Abrum, que forneceram alguns contatos no início da coleta de dados da pesquisa.

Após este processo, foi feita a identificação de todos os técnicos/professores de GA que aplicavam treinamento tanto para o gênero feminino quanto para o masculino. Esta identificação dos perfis foi composta por: nome, instituição na qual pertence, tempo de atuação na área e gênero para o qual leciona – feminino, masculino ou ambos. E esses foram os critérios para a seleção do universo da pesquisa.

Foram contatados 29 profissionais – universo da pesquisa, e já neste primeiro contato foi realizado o convite para participação na pesquisa. Obtivemos o aceite de participação de apenas 21 participantes, compondo aproximadamente 72,5% do universo, tendo esse número consolidado a amostra da pesquisa. O instrumento de pesquisa foi encaminhado e recebido no período de 15 de Abril à 30 de Maio de 2014.

Na segunda etapa, concomitante ao processo de identificação do público alvo, foi realizada uma pesquisa de campo, que tem como objetivo “aprofundar o conhecimento do pesquisador sobre o assunto estudado” (MATTAR, 1996, p84). Portanto, foi feito um levantamento bibliográfico sobre a Ginástica Artística, entendendo seu contexto histórico e o regulamento que rege essa modalidade (CP), o processo de formação esportiva, passando pela iniciação esportiva e treinamento específico, chegando à especialização precoce e seus problemas.

Para o levantamento bibliográfico da pesquisa foram utilizadas como palavras-chave: Ginástica Artística, Código de Pontuação, Iniciação Esportiva, Desenvolvimento infantil e Especialização Precoce. A busca foi realizada na base de dados do Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU), em banco de dados como Scielo e Google Acadêmico, e na GÍMNICA – Biblioteca Virtual de Ginástica. Os livros utilizados foram disponibilizados na Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). As informações sobre o regulamento da modalidade foram retiradas da FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA

(www.fig-gymnastics.com > acessado em 20 de Fevereiro de 2015) e da CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (www.cbginastica.com.br > acessado em 20 de Fevereiro de 2015).

Na terceira etapa, ocorreu uma pesquisa descritiva, que segundo Thomas e Nelson (2002), resume-se em um estudo de status, sendo utilizado na educação e nas ciências comportamentais. Seus estudos se basearam nas expectativas de que as práticas podem ser melhoradas por meio da análise dos dados coletados.

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário (Apêndice A), que segundo Lakatos e Marconi (2009) é um instrumento constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador. O questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas que tiveram a intenção de questionar a forma como a iniciação esportiva é aplicada às crianças, e em que momento o Código de Pontuação se torna parâmetro para as aulas de GA.

Com a devida autorização por parte do Comitê de Pesquisa da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP (processo 574.500 – Anexo 1), encaminhamos o projeto para a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP, por meio da Plataforma Brasil. Após recebermos o parecer de aprovação desse comitê (aceito em 06/03/2014, sob o número do parecer 574.500), demos início à coleta de dados da

pesquisa, por meio da comunicação entre pesquisador e avaliado. Os dados foram gerados a partir da resposta dos questionários recebida pelos sujeitos da amostra.

Após a transcrição dos dados recebidos pelos questionários, houve a análise dos resultados obtidos, baseado em Bardin (2011), cujo método se resume em analisar a comunicação por um conjunto de técnicas, onde o procedimento é objetivo na descrição da mensagem, passando por três fases: Pré-análise, Exploração do Material e tratamento dos resultados e Interferência e Interpretação.

Na pré-análise, houve a organização para o sistema inicial de ideias, onde as respostas recebidas pelos questionários foram separadas por unidades de significados, em ordem das categorias obtidas, de acordo com a interpretação das análises realizadas. Na exploração do material e tratamento dos resultados, houve uma análise comparativa do material. Na interferência e interpretação, os dados brutos foram transformados em sistematização das unidades, onde o conteúdo é representado a fim de esclarecer as características dos textos, para facilitar a compreensão no processo de codificação. Essas unidades são: a unidade de registro, que significa codificar de acordo com a unidade de base, visando à categorização, podendo citar, palavra, frase, objeto, personagem, acontecimento e documento; e a unidade de contexto, que tem como finalidade facilitar a compreensão da primeira em seu processo de codificação.

Identificada as unidades de contexto e as respectivas unidades de registro, buscamos estabelecer as categorias, a partir de agrupamento de unidades de registro que tinham similaridade entre eles, com ideias centrais comuns.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

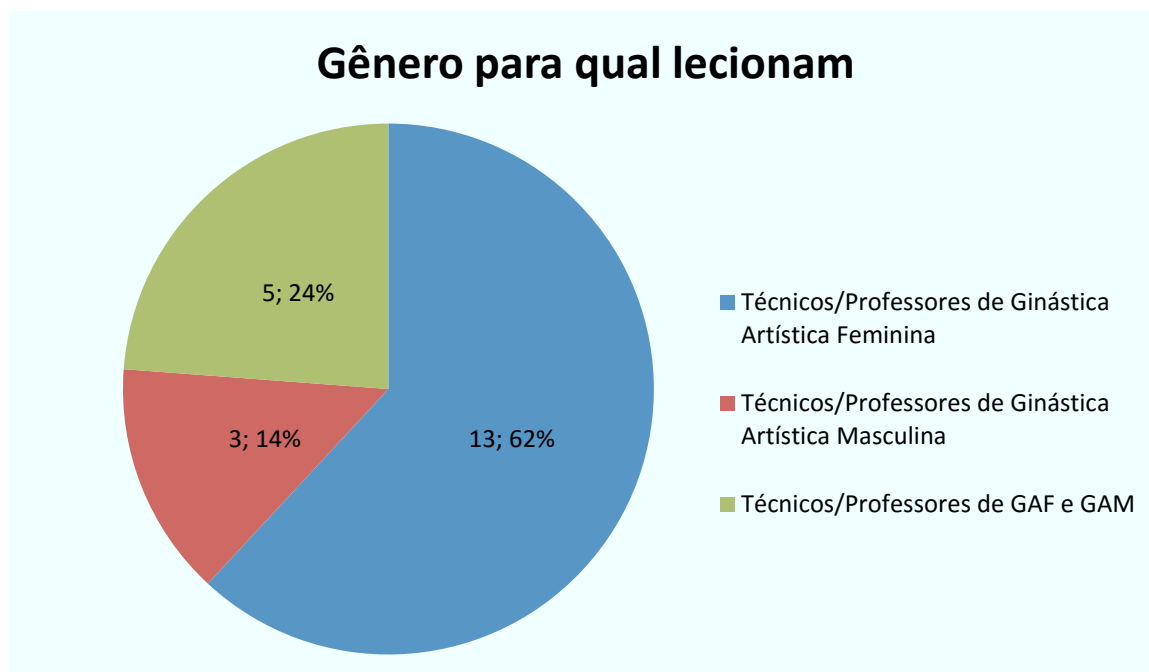
O questionário foi composto por 15 perguntas, abertas e fechadas, que teve como foco obter informações acerca da forma como a iniciação esportiva é realizada, a idade e objetivo pela qual essas crianças iniciam na modalidade e em que momento o Código de Pontuação se torna parâmetro para as aulas.

A partir das primeiras perguntas (1 a 6) do questionário foi possível fazer um levantamento do perfil de técnicos/professores da modalidade. As questões de 4 à 6 serão demonstradas abaixo em forma de gráfico, para melhor visualização dos valores.

As perguntas de 1 a 3 não serão demonstradas nas tabelas abaixo, pois são dados pessoais dos participantes da pesquisa, e estes devem ser preservados como descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa.

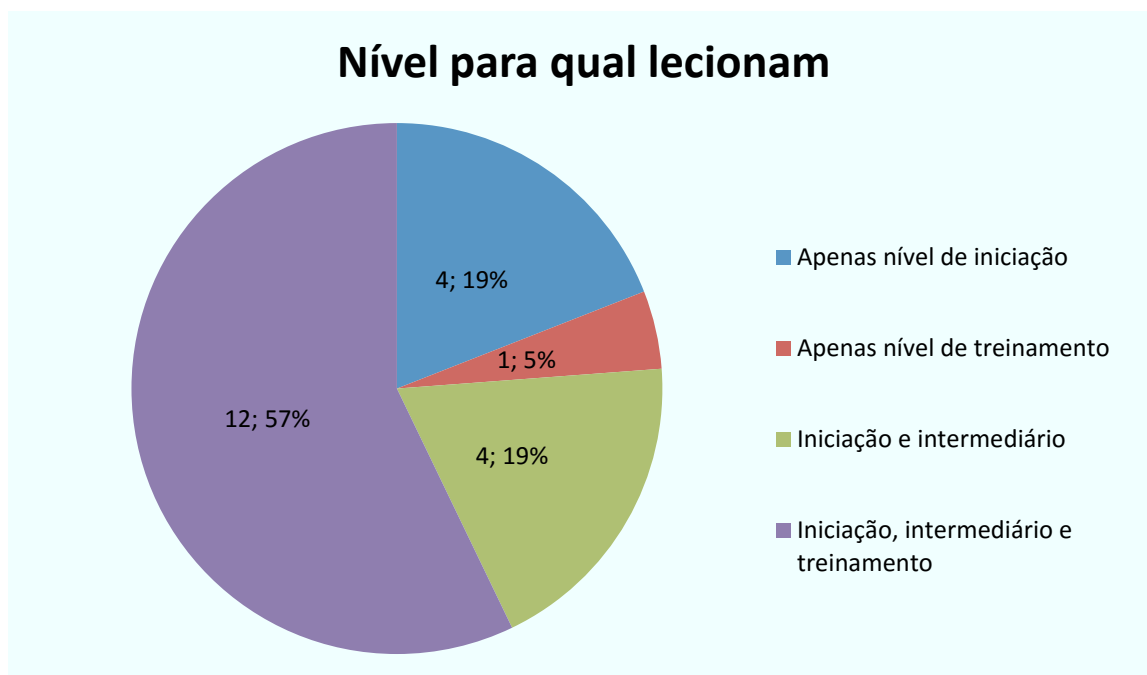
Questão 4: “Você leciona para: GA Feminina e/ou GA Masculina?”

Gráfico 1 – Gênero para qual os sujeitos da pesquisa lecionam suas aulas



Questão 5: “Turmas ou níveis para os quais leciona ou já lecionou: iniciação, intermediário, treinamento.”

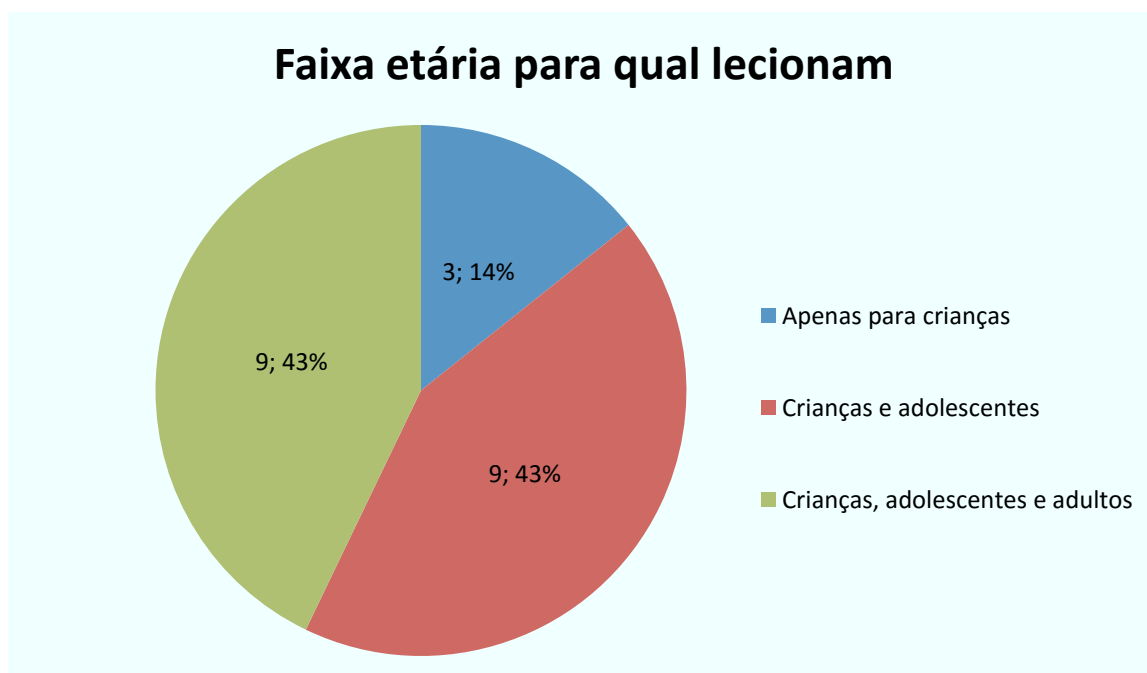
Gráfico 2 – Nível para qual os sujeitos da pesquisa lecionam suas aulas



Obs: Tratamos a iniciação como o primeiro contato do indivíduo com a modalidade; o intermediário como a transição da fase de iniciação para a fase de treinamento; e o treinamento sendo o processo sistemático onde ocorre o aperfeiçoamento dos movimentos.

Questão 6: “Para qual ou quais faixas etárias leciona ou já lecionou: crianças, adolescentes, adulto.”

Gráfico 3 – Faixa etária para qual os sujeitos da pesquisa lecionam suas aulas



Obs: Nesta pesquisa consideramos criança o indivíduo com idade inferior à 12 anos (segundo o Estatuto da criança e do adolescente), e adolescente o indivíduo com idade inferior à 18 anos.

Nos gráficos apresentados foi possível verificar que os seguintes dados:

- Mais da metade dos técnicos da GA, compondo 62% do público da pesquisa, lecionam suas aulas apenas para a categoria feminina;
- 57% dos sujeitos lecionam para os três níveis de ensino, sendo estes, iniciação, intermediário e treinamento.
- 14% dos sujeitos lecionam apenas para crianças; Os outros 86% lecionam para mais de uma faixa etária.

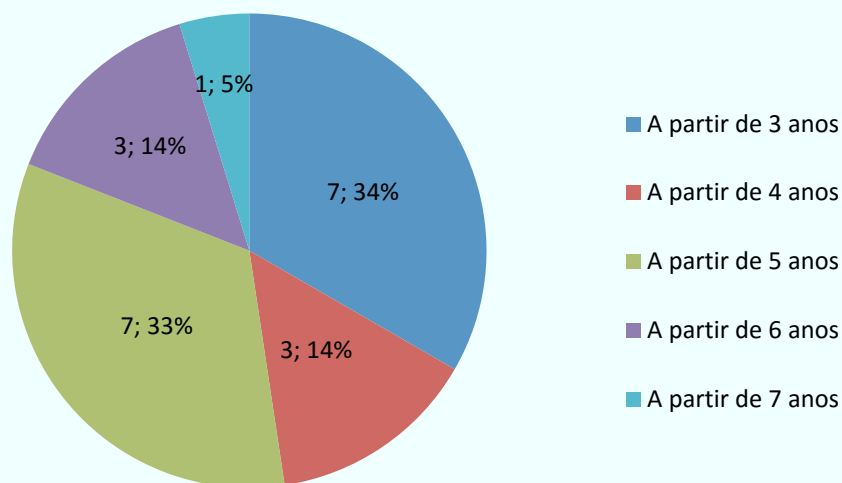
Esses dados mostram o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa, sendo relevantes para as próximas questões do trabalho. Analisando estes dados, foi possível observar que mais da metade dos técnicos lecionam para todos os níveis de treinamento, mostrando a falta de profissionais especializados na área, que acabam por se encarregar de todas as turmas.

As questões de 8 à 10, relacionavam-se às faixas etárias dos grupos – turmas lecionadas pelos técnicos e serão também apresentadas de forma gráfica e por tabelas, para melhor visualização.

Questão 8: “Qual a faixa etária em que as crianças iniciam a prática à modalidade?”

Gráfico 4 – Respostas estabelecidas na questão 8

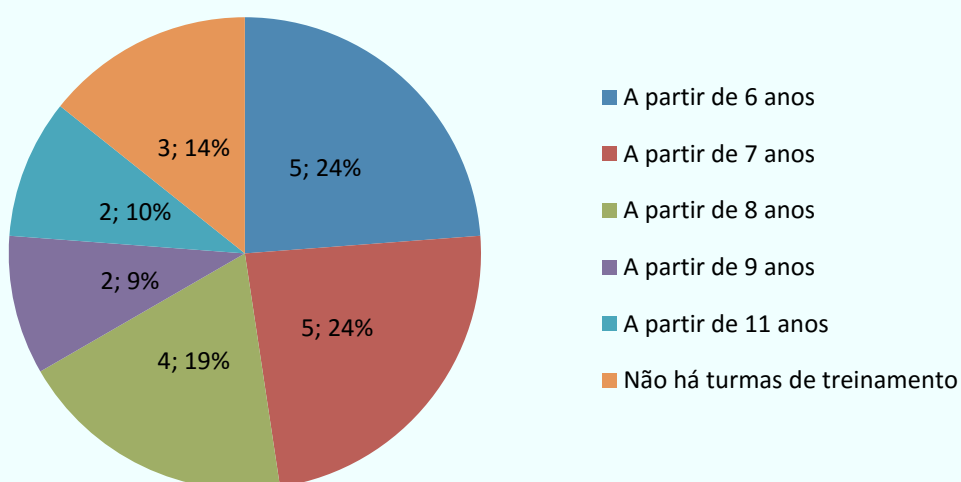
Faixa etária em que as crianças iniciam a prática à modalidade



Questão 9: “E às turmas de treinamento?”

Gráfico 5 – Respostas estabelecidas na questão 9

Faixa etária em que as crianças iniciam nas turmas de treinamento



Questão 10: “Em qual nível e faixa etária as crianças iniciam a participação em: Campeonatos de massificação e Campeonatos para federados.”

Tabela 1 – Respostas estabelecidas na questão 10

Faixa etária	Campeonatos de massificação (número de participantes)	Campeonatos para federados (número de participantes)
A partir de 3 anos	3	
A partir de 5 anos	4	
A partir de 6 anos	9	
A partir de 7 anos	3	2
A partir de 8 anos	2	4
A partir de 9 anos		8
Não há esse tipo de campeonato		7

Interpretação dos dados

Nas questões (8 à 10) foi possível perceber que a faixa etária para o início da prática na modalidade, início da fase de treinamento e participação em campeonatos é baixa. Para a iniciação à modalidade, começar cedo não traz problemas ao desenvolvimento, pelo contrário, traz muitos benefícios, como a melhora de habilidades motoras e uma gama grande de experiências esportivas. Já a iniciação precoce no nível de treinamento – especialização precoce – pode repercutir negativamente no desenvolvimento motor da criança, fazendo-a também desistir da prática no futuro. De acordo com Bompa (2002), a iniciação ao esporte de maneira sistematizada, que é o caso do treinamento, deve ser proporcionada a partir dos 6 anos de idade, pois antes disso a criança ainda não desenvolveu totalmente as capacidades motoras necessárias para realizar diversas atividades como, correr saltar e arremessar. Em relação às competições, quando ligado diretamente ao regulamento oficial da modalidade, não é indicado para crianças muito novas, pois como já explicado ao longo deste trabalho, podem trazer malefícios, devido às exigências e dificuldades estabelecidas.

Seguindo a proposta da análise de conteúdo de Bardin (1977), apresentamos abaixo as unidades de contexto das questões 7, 11 à 15, suas respectivas unidades de registro e categorização, que serão apresentadas em tabelas para a melhor visualização e organização dos dados.

Questão 7: “Você segue alguma metodologia específica de ensino nas aulas de iniciação ao treinamento da GA às crianças? Caso não, possui um método próprio ou adotado pela instituição à qual trabalha? Explique-o resumidamente.”

Unidades de contexto

Será utilizado como unidades de contexto trechos da própria resposta dos participantes. Convém lembrar que a numeração dos participantes e suas respectivas unidades de contexto não seguem uma ordem cronológica correta.

Tabela 2 – Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão 7

Sujeitos	Unidades de Contexto (UC)
1	Não. Método próprio, baseado no treinamento competitivo: aprendizagem de elementos, preparação física e coreográfica, treino de séries e competições.
2	Não utiliza método de treinamento.
3	Sim. Metodologia própria, com separação por níveis de habilidade e conceitos do Esporte Educacional. Para o treinamento de alto rendimento, é trabalhada a periodização clássica: divisão por grupos de acordo com o desenvolvimento técnico da criança.
4	Sim. Metodologia/Escola Russa e Americana.
5	Não. Metodologia baseada em experiências na modalidade e no dia-a-dia de ensino. O aprendizado respeita o nível maturacional e as individualidades de cada aluno. Utilização de educativos para o aprendizado e execução de exercícios.
6	Sim. Modelo Canadense, baseado em padrões básicos de movimento.
7	Não. Método próprio, adotado através da vivência como atleta e convivência com profissionais da área. Exercícios educativos até que o aluno possa executá-los com assertividade e segurança. Visa a melhora do desenvolvimento motor.
8	Não. Método próprio: ensinamento de elementos básicos por meio de atividades lúdicas, pensando no desenvolvimento motor da criança. Depois que eles se familiarizam com as diferentes possibilidades de movimento, partimos para os exercícios específicos.
9	Não utiliza método de treinamento.
10	Não. Metodologia própria: trabalho com o peso do próprio corpo, evitando sobrecargas e sempre de acordo com nível de aprendizado e idade. Conhecimento do objetivo de cada aluno, para que as atividades aplicadas venham de encontro com a expectativa deles.
11	Não. Metodologia própria: objetivo de desenvolver o acesso ao movimento de forma saudável, educativa e prazerosa. Trabalho com as principais habilidades da ginástica, respeitando o desenvolvimento fisiológico de cada aluno.
12	Não. Método próprio: baseado na experiência em diversas instituições e conhecimento adquirido através de cursos e leitura.
13	Não. Metodologia própria: a iniciação tem como objetivo o desenvolvimento global das habilidades motoras, já o treinamento tem como foco a alta performance, buscando qualidade técnica com o objetivo de superar adversários.
14	Sim. Metodologia progressiva: implementação de gestos técnicos a partir de um princípio adaptativo do básico para o mais complexo.

15	Sim. Metodologia baseada na vivência e experimentação dos elementos, com utilização ou não de processos pedagógicos, visando o prazer e a descoberta das capacidades que cada um possui em executar os exercícios propostos.
16	Não. Metodologia própria: seleção de crianças, frequência de 3 vezes por semana com duração de duas horas cada aula e aumento progressivo da carga de acordo com o desenvolvimento do grupo ou ginasta.
17	Sim. Metodologia de circuitos de Carrasco e Leguet, que permite a realização de forma coletiva de algumas ações gímnicas, e também de uma metodologia genética citada por Leguet, que consiste num enriquecimento da motricidade da criança por meio de situações inabituais que encaminharão a criança a um maior controle e eficiência dos gestos motores realizados.
18	Não. Método adotado pela instituição, elaborado pela professora responsável pela turma de iniciação.
19	Sim. Método baseado nas exigências do Código de Pontuação da modalidade.
20	Sim. Metodologia mista para todos os elementos, com experiências parciais e globais.
21	Não. Planejamento elaborado mensalmente para desenvolver o melhor aprendizado das crianças.

Unidades de Registro

Com base na transcrição da resposta dos avaliados no questionário, é possível identificar as unidades de registro, tendo como objetivo codificar as unidades de contexto.

Tabela 3 – Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão 7

Sujeitos	Unidades de Registro (UR)
1	Treinamento competitivo.
2	Não utiliza método de treinamento.
3	Esporte Educacional. Periodização clássica.
4	Escola Russa e Americana.
5	Experiências adquiridas no âmbito esportivo
6	Modelo Canadense: Padrões básicos de movimento.
7	Exercícios educativos.
8	Atividades lúdicas.
9	Não utiliza método de treinamento.
10	Conhecimento do objetivo do aluno.
11	Prática saudável, educativa e prazerosa.
12	Experiências adquiridas – conhecimento por meio da literatura.
13	Desenvolvimento global das habilidades motoras.
14	Metodologia progressiva.
15	Visa o prazer e a descoberta das capacidades/habilidades motoras.
16	Aumento progressivo da carga de treinamento.
17	Metodologia de circuitos de Carrasco e Leguet.
18	Não utiliza método de treinamento.
19	Método baseado no regulamento.
20	Metodologia mista – experiências parciais e globais.
21	Não utiliza método de treinamento.

Categorização

A partir das unidades de registro, foi possível estabelecer categorias, que são agrupamentos com similaridade entre elas. As categorias possuem ideias centrais que são comuns nos discursos dos participantes.

Tabela 4 – Categorização estabelecida da questão número 7

Categorização	Frequência / Sujeito
Não utiliza metodologia de treinamento	4
Modelos internacionais	3
Esporte educacional	2
Visa saúde/prazer - Lúdico	3
Metodologia progressiva	2
Objetivo de cada aluno	1
Experiências adquiridas	3
Treinamento competitivo/performance	2
Desenvolvimento motor global	3
Baseado nas exigências do regulamento	1

Interpretação dos dados

Nesta questão (7), a maioria dos participantes respondeu que não possui um método específico de treinamento, utilizando então um método próprio, baseado muitas vezes em experiências esportivas adquiridas no passado, e/ou na vida acadêmica, mas se preocupando com o desenvolvimento da criança no esporte.

As respostas convergiram em dois pontos: um deles foi o ensinamento da modalidade por um método semelhante ao tecnicismo, que divide as crianças pelo seu desenvolvimento técnico; o outro é o aprendizado da modalidade respeitando o nível maturacional, o individualismo e o desenvolvimento motor das crianças. Muitos disseram da importância de uma prática saudável e prazerosa, respeitando os limites de cada criança, a fim de fazer com que a mesma não desista da modalidade tão cedo.

Alguns acreditam que para um melhor resultado, deve-se ensinar a técnica dos elementos desde o início da prática, porém, reforçando o que já fora abordado neste trabalho e fundamentando-se nos estudos de alguns autores sobre o assunto (BOMPA, 2000; MARQUES, 1991; GALDINO & MACHADO, 2008), se fundamentar na técnica dos movimentos logo no início da prática, quando se ainda é criança, não é apropriado, pois pode gerar consequências negativas ao praticante, como reclusão do repertório motor, aumento da incidência de lesões, fatores psicológicos, entre outros prejudiciais para o desenvolvimento da criança.

Portanto, concluímos que há uma defasagem nas metodologias de treinamento brasileiras, e que por conta disso, os técnicos acabam buscando por modelos internacionais, como mencionado por alguns sujeitos.

Questão 11: “Quais são os critérios para que as crianças iniciem a participação em campeonatos e por quê?”

Tabela 5 – Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 11

Sujeitos	Unidades de Contexto (UC)
1	Capacidades físicas, capacidade de execução de elementos exigidos para a categoria. A ginástica artística é uma modalidade de alta exigência atlética, portanto selecionamos os mais aptos e que possuem as capacidades adequadas para a modalidade.
2	As crianças iniciam em campeonatos quando conseguem cumprir de forma satisfatória aquilo que está no regulamento, caso contrário participará apenas de festivais.
3	As crianças seguem as categorias determinadas pela Federação. As crianças participam de eventos com regras adaptadas/festivais antes de ingressarem em competições oficiais.
4	Para a participação de campeonatos as crianças em média iniciam aos 8-9 anos, e o principal critério é a execução dos elementos obrigatórios do regulamento da competição.
5	Análise se a criança está preparada e segura com os exercícios a serem executados no campeonato e se está preparada psicologicamente para tal.
6	Há apenas torneios de massificação e festivais. Nesses casos, todos os alunos que frequentam as aulas a tempo suficiente e aqueles que desejam estão aptos a participar.
7	Realizar os movimentos de forma segura e com boa performance, para preservar tanto a parte física dos alunos como também incentivá-los a continuar a prática da modalidade.
8	São avaliados o desenvolvimento das habilidades específicas da modalidade, a execução dos exercícios, o comportamento em aula e a frequência com que ela participa das classes.
9	Maturidade, Condição técnica. A criança precisa estar preparada para entender o processo da competição (ganhar ou perder), para que não se desestimore, e desista da prática.
10	É necessário amadurecimento não apenas da parte física, mas emocional.
11	Com 8 anos, a criança tem maturidade suficiente para lidar com comparações, o “ganhar e perder”, “melhor e pior”. Todas as questões sobre competição são abordadas e conversadas.
12	As crianças iniciam a apresentação em festivais e competições desde o início da prática, como forma de motivação a busca de aperfeiçoamento técnico e psíquico.
13	Idade e critérios técnicos. A criança deve estar apta e demonstrar capacidade de realizar os requisitos elaborados no regulamento técnico para cada faixa etária (categoria).

14	Em níveis iniciantes o que determina a participação são aspectos como dedicação e frequência nas aulas. Já em níveis mais elevados, incluíse também a questão do nível técnico.
15	A intenção é que todas as praticantes participem dos eventos de acordo com o seu nível técnico, para a sua satisfação pessoal e bem estar.
16	De acordo com o nível técnico. Avalio todo processo de desenvolvimento e o planejamento, para levar um ginasta numa competição.
17	Incentivar a participação de ginastas iniciantes com avaliações periódicas de seu progresso e desenvolvimento técnico. Criar e manter motivação nas crianças que desde cedo apelam por competições. Nível técnico simples.
18	As crianças iniciam sua participação a partir do momento que dominam alguns elementos básicos da modalidade.
19	Domínio e consciência corporal. Aprimorar qualidades físicas como: resistência, agilidade, flexibilidade, coordenação, força, e habilidades, através de um conjunto de movimentos sistematizados e específicos.
20	Aprendizado de um nível específico, exigido pelo regulamento. Assim que atingido já é possível participar.
21	Idade apropriada. Diferenciar por nível técnico. Disciplina. Gostar do ambiente.

Unidades de Registro

Tabela 6 – Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 11

Sujeitos	Unidades de Registro (UR)
1	Capacidade de execução de elementos exigidos para a categoria.
2	Exigências do regulamento.
3	Categorias determinadas pela Federação. Participação de festivais antes de ingressarem em competições oficiais.
4	Execução dos elementos obrigatórios do regulamento da competição.
5	Preparação física e psicológica para tal.
6	Frequência nas aulas e desejo de participar.
7	Segurança e boa técnica.
8	Execução dos exercícios, comportamento e frequência em aula.
9	Maturidade, Condição técnica.
10	Maturidade, segurança.
11	Maturidade para lidar com a competição.
12	Aperfeiçoamento da técnica.
13	Idade e critérios técnicos exigidos no regulamento.
14	Frequência, nível técnico exigido no regulamento.
15	Desejo de participar.
16	Nível técnico e desenvolvimento do aluno.
17	Nível técnico simples

18	Elementos básicos da modalidade
19	Domínio corporal. Aprimoramento das capacidades físicas
20	Aprendizado de elementos exigidos no regulamento.
21	Idade. Nível técnico. Disciplina. Gostar do ambiente

Categorização

Tabela 7 – Categorização estabelecida da questão número 11

Categorização	Frequência / Sujeito
Exigências do regulamento/categoria	7
Preparação física e psicológica	1
Frequência nas aulas	3
Desejo em participar de campeonatos	2
Segurança	2
Nível técnico	8
Maturidade/Comportamento	5
Idade	1
Desenvolvimento	1
Capacidades e habilidades físicas/Domínio corporal	1
Gostar do ambiente de prática	1

Interpretação dos dados

Dentre as respostas dos sujeitos, dois fatores se destacaram. Um deles foi o fato de muitos utilizarem as exigências do regulamento da modalidade como critério para que as crianças passem de categoria, subindo para um nível de dificuldade superior, e conseqüentemente, participem de campeonatos. Isso se justifica, pois para que as crianças possam participar de campeonatos federados, elas devem estar executando os exercícios descritos no regulamento.

O outro fator que esteve na resposta de muitos avaliados foi a questão do nível técnico da criança, ou seja, para que a criança inicie sua participação em campeonatos, além dela ter que realizar elementos obrigatórios do regulamento, estes devem ser executados com uma boa qualidade técnica.

A frequência nas aulas, a maturidade/comportamento, a segurança e o desejo da criança em participar de eventos/campeonatos também foram citados pelos participantes, o que é um ótimo caminho, pois a preservar a integridade e auxiliar na independência da criança é fundamental no ambiente esportivo. O desenvolvimento,

a idade e a preparação física e psicológica foram pouco citados dentre os avaliados.

Pôde-se concluir nessa questão que alguns fatores importantes, como a preparação psicológica, maturidade, compromisso e desejo, foram mencionados, porém, por poucos técnicos, o que se tornou um ponto negativo aos nossos olhos. Os campeonatos, que são fundamentados no CP da modalidade, exigem mais das crianças do que apenas o nível técnico. A criança deve estar preparada em todos os sentimentos para “suportar” essas exigências. Portanto, os fatores menos citados deveriam ser mais pensados no momento em que se escolhe se a criança vai ou não participar de algum campeonato.

Questão 12: “Quais são os critérios para que a criança passe da fase de iniciação para a fase de treinamento (faixa etária, execução de determinadas habilidades, tempo de vivência na “escolinha”, etc)?”

Tabela 8 – Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 12

Sujeitos	Unidades de Contexto (UC)
1	Características físicas, psicológicas, interesse, disciplina, empenho nas aulas.
2	Combinação de fatores como idade, porte físico, e capacidades físicas já avaliadas.
3	O primeiro quesito é o biótipo. Aspectos psicológicos como coragem, capacidade de concentração, maturidade emocional e outros serão analisados; também aspectos sócio-afetivos como comprometimento (pessoal e da família), auto superação, interação etc.
4	Faixa etária, execução de determinadas habilidades, tempo de prática, biótipo, níveis de força e flexibilidade satisfatórios, boa coordenação motora e o aspecto psicológico.
5	A faixa etária e principalmente a execução de determinadas habilidades são os critérios que uso para uma criança da iniciação passar a fazer parte da equipe de treinamento.
6	A mudança de turma se dava pela idade da criança e não por nível técnico.
7	É importante estar em uma faixa etária adequada, ter uma boa execução de determinadas habilidades, um bom comprometimento e responsabilidade com o esporte e com a equipe.
8	Execução dos exercícios com uma boa postura e realização dos exercícios de dificuldade maior. Maturidade emocional. Capacidade de mudar de um treino mais recreativo para um treino mais focado na melhoria da execução.
9	Maturação, motivação, condição física.
10	Execução de determinadas habilidades, segurança emocional, determinação, coragem, biótipo físico e hoje em dia principalmente apoio familiar.
11	Detecção de talento, independente de faixa etária e tempo de vivência. Capacidades físicas.
12	Faixa etária, potencial genético, execução de determinadas habilidades, tempo de

	prática.
13	Habilidade e o desenvolvimento durante as aulas.
14	Noções motoras, força, velocidade e flexibilidade com potencial de desenvolvimento específico para a modalidade, faixa etária e consentimento dos pais e responsáveis.
15	Passamos as crianças de nível respeitando o seu desenvolvimento na modalidade e o tempo praticado naquela turma. A intenção será sempre motivacional.
16	Desenvolvimento das habilidades básicas, talento para o esporte, interesse pelo esporte.
17	Execução de certas habilidades e tempo de vivência, maior controle e coordenação dos gestos simples, vontade da criança de passar para o nível de treinamento, flexibilidade e força em um nível moderado, entre outros fatores.
18	Domínio de habilidades específicas e atingir a idade pré-estabelecida.
19	Conhecer, identificar, localizar e experimentar.
20	Execução de determinadas habilidades. É esperado que se atinja isso em um limite de idade, dependendo do nível de treinamento.
21	A execução de determinadas habilidades é o critério adotado para mudar a criança de nível.

Unidades de Registro

Tabela 9 – Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 12

Sujeitos	Unidades de Registro (UR)
1	Características físicas. Aspectos psicológicos. Interesse. Disciplina. Empenho.
2	Faixa etária. Porte físico. Capacidades físicas.
3	Biótipo. Aspectos psicológicos.
4	Faixa etária. Execução de determinadas habilidades. Tempo de prática. Biótipo. Capacidades físicas. Aspectos psicológicos.
5	Faixa etária. Execução de determinadas habilidades.
6	Faixa etária.
7	Faixa etária. Execução de determinadas habilidades. Comprometimento.
8	Boa execução de exercícios. Maturidade emocional.
9	Maturação. Condição física.
10	Execução de determinadas habilidade. Aspectos emocionais. Biótipo. Apoio familiar.
11	Detecção de talento. Capacidades físicas.
12	Faixa etária. Potencial genético. Execução de determinadas habilidades. Tempo de prática
13	Execução de determinadas habilidades. Desenvolvimento motor.
14	Potencial de desenvolvimento. Faixa etária. Apoio dos pais.
15	Desenvolvimento motor. Tempo praticado.
16	Desenvolvimento das habilidades básicas. Detecção de talentos. Interesse.
17	Execução de habilidades. Controle e capacidades físicas. Tempo de prática. Interesse em participar

18	Faixa etária. Execução de habilidades
19	Conhecer, identificar, localizar e experimentar.
20	Execução de habilidades. Faixa etária. Detecção de talento.
21	Execução de habilidades.

Categorização

Tabela 10 – Categorização estabelecida da questão número 12

Categorização	Frequência / Sujeito
Capacidades/condições físicas	6
Aspectos psicológicos – emocionais	5
Faixa etária	9
Biótipo/Porte físico/Potencial genético	5
Interesse	3
Disciplina	1
Empenho	1
Execução de habilidades/exercícios	11
Tempo de prática	4
Comprometimento	1
Desenvolvimento motor/habilidades	4
Maturação	1
Apoio familiar	2
Detecção de talento	3

Interpretação dos dados

Os dados desta questão (12) revelam que a faixa etária e a execução de determinadas habilidades são critérios que a maioria dos participantes utiliza quando desejam passar a criança para uma fase de treinamento, ou seja, da iniciação para o treinamento aplicado.

Outros critérios bastante utilizados pelos sujeitos são: o biótipo, ou seja, se a criança tem um porte físico favorável para a modalidade; a capacidade física, considerada essencial para a execução de elementos ginásticos; e os aspectos psicológicos, pois se a criança não suporta psicologicamente a carga e as exigências do treinamento, isso a prejudica tanto quanto a parte física.

O interesse, o tempo de prática e o apoio da família também foram citados pelos avaliados, ficando evidente a preocupação dos técnicos/professores pelas crianças. Houve a menção da detecção de talentos, realizada pelos professores, para

avaliar se a criança está apta ao treinamento, sendo considerada por eles um talento na modalidade.

A partir dos dados iniciais, podemos perceber que se a criança não executar determinadas habilidades, ela não poderá passar para um nível de treinamento acima. Muitas crianças possuem tanta vontade em aprender cada vez mais exercícios, que o “passar de nível” se torna uma motivação. E se todo o esforço não atinge suas expectativas, elas se sentem frustradas e desmotivadas a continuar a prática.

De nada adianta ter um atleta que executa as habilidades mais difíceis, e da maneira correta, se este não for dedicado, disciplinado e interessado à evoluir no esporte. Portanto, o tempo de prática e o interesse da criança são fatores que devem ser considerados, e muitas vezes colocados à frente dos outros, pois juntos podem formar um bom atleta, e dedicado ao esporte.

Questão 12: “Para as suas aulas na iniciação, você utiliza, de algum modo, como parâmetro as normativas do Código de Pontuação da modalidade? E/ou normas de competições (que também se balizam pelo Código)? Como e Por quê?”

Tabela 11 – Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 13

Sujeitos	Unidades de Contexto (UC)
1	Sim. O código de pontuação tem algumas exigências em relação à postura corporal.
2	Sim. O código de pontuação deve sim ser um norte para o ensino das habilidades específicas da modalidade. Cuidados para não frustrar a criança.
3	Adaptamos nossos níveis mais adiantados às normativas do código de pontuação; para alunas iniciantes adotamos a avaliação por conceito, sem nota ou comparação.
4	Sim. Utilizo o código de pontuação da modalidade, iniciando o aprendizado dos elementos, e com isso podemos aumentar o acervo não só motor como técnico dessa criança.
5	Sim. Quando a criança executa um determinado exercício, explico as possíveis falhas e seus descontos de execução. Pois assim a criança passa a entender e buscar uma execução perfeita e esteja ciente de uma nota recebida em campeonatos.
6	Não. Por acreditar que balizar o processo de ensino da GA empobrece a experiência para o aluno. Desse modo, desenvolvia o trabalho com base nos Padrões Básicos de Movimento.
7	Sim. Procuro desenvolver com os alunos, exercícios que são exigidos pelos regulamentos de eventos de ginástica referentes à sua categoria.
8	Sim. Desde o começo, tento ensinar às crianças a execução correta dos exercícios para que, mais tarde, só haja a necessidade de pequenas correções na postura a serem realizadas.
9	Sim. Utilizo as normas de conduta, uso de uniforme, penalidades, nomenclaturas, regra recente de deduções em artístico e coreografia, ordem olímpica dos aparelhos

	etc.
10	Sim. Acredito que seja importante que a criança entenda o esporte que pratica e porque a criança aprende o certo desde pequena, percebo que elas se interessam por isso.
11	Os regulamentos de competições escolares são, na maioria das vezes, diferentes do Código de Pontuação. Procuro estabelecer as principais regras adequadas ao ambiente escolar.
12	Sim. Através do ensinamento das habilidades que constam no código e seus critérios de execução e dedução de falhas.
13	Não. Nas aulas de iniciação não me baseio nas “regras” da Ginástica, e sim em desenvolver as habilidades exigidas pela modalidade.
14	Sim. Utilizamos os parâmetros estipulados pelo código de pontuação principalmente no que se diz respeito a execução técnica dos movimentos.
15	Sim. As crianças vivenciam a modalidade de acordo com as normas, cientes do que o código exige, pois é um parâmetro.
16	Para as aulas de iniciação penso que o mais importante é manter o interesse da criança pelo esporte, realizando jogos, tudo isso relacionado ao desenvolvimento motor da criança.
17	Não. A metodologia à iniciação tem como objetivo propiciar a vivência nos aparelhos, no ambiente ginástico e o aprendizado de alguns gestos específicos da modalidade, assim como, desenvolver coordenação motora, flexibilidade e força muscular para posteriormente aprenderem exercícios ou gestos de dificuldade um pouco mais elevada.
18	Não. Porém, quando há a participação de alunas em algum festival que utilizam esses parâmetros o treino é baseado no código e no regulamento do festival.
19	Sim. Pois através do código de pontuação é possível adquirir conhecimento sobre a modalidade.
20	Sim. Para ensinar regras de conduta (ex: a importância de prender o cabelo). Para elementos ginásticos e acrobáticos utilizo, de forma explicativa o código de pontuação, a necessidade de postura e amplitude nos movimentos.
21	Não. Em primeiro lugar a criança precisa conhecer o seu corpo, as possibilidades que ele tem e como usá-lo para o seu desenvolvimento. Utilizo ao invés do Código de Pontuação, livros didáticos e os aprendizados da instituição em que me especializei.

Unidades de Registro

Tabela 12 – Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 13

Sujeitos	Unidades de Registro (UR)
1	O código de pontuação tem algumas exigências em relação à postura corporal.
2	O código de pontuação deve sim ser um norte para o ensino das habilidades específicas.
3	Adaptamos nossos níveis mais adiantados às normativas do código de pontuação.
4	O código de pontuação no aprendizado dos elementos, para aumentar o acervo não só motor como técnico da criança.
5	Explico as possíveis falhas e seus descontos de execução, pois assim a criança passa a entender e buscar uma execução perfeita.
6	Balizar o processo de ensino da GA empobrece a experiência para o aluno.

7	Desenvolver com os alunos, exercícios que são exigidos pelos regulamentos.
8	Ensinar às crianças a execução correta dos exercícios.
9	Normas de conduta, o uso de uniforme, penalidades, nomenclaturas, regras.
10	Importante que a criança entenda o esporte que pratica e que aprenda o certo desde pequena.
11	Procuro estabelecer as principais regras do esporte.
12	Ensino das habilidades que constam no código e seus critérios de execução.
13	Desenvolver as habilidades exigidas pela modalidade.
14	O código de pontuação no que se diz respeito a execução técnica dos movimentos.
15	Vivenciar a modalidade de acordo com as normas, cientes do que o código exige.
16	O mais importante é manter o interesse da criança pelo esporte, relacionado ao desenvolvimento motor da criança.
17	Objetivo de propiciar a vivência e o aprendizado de gestos específicos da modalidade, progredindo para gestos de maior dificuldade, desenvolvendo capacidades físicas como coordenação, flexibilidade e força.
18	Quando há participação em algum festival é necessário um treino baseado no regulamento oficial.
19	Conhecimento específico através do código de pontuação.
20	Forma explicativa do código de pontuação, para entender movimentos e regras de conduta.
21	Utilização de livros didáticos e os ensinamentos da instituição de especialização.

Categorização

Tabela 13 – Categorização estabelecida da questão número 13

Categorização	Frequência / Sujeito
Código de Pontuação como parâmetro	13
Adaptação do Código de Pontuação	1
O Código de Pontuação não é parâmetro	7
Desenvolvimento de regras/habilidades da modalidade	3
Execução técnica correta/perfeita dos movimentos	5
Utilização de livros didáticos e o aprendizado da faculdade	1

Interpretação dos dados

Nesta questão (13) pôde-se identificar se os técnicos utilizam de alguma maneira, como parâmetro, as normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística. Segundo as respostas do questionário, mais da metade dos avaliados (treze) utilizam o Código de Pontuação da modalidade como parâmetro para as aulas de iniciação. Apenas um deles faz uma adaptação do regulamento para a iniciação esportiva, incentivando as crianças a participarem primeiramente de festivais, onde a

avaliação é realizada por conceito ao invés da nota clássica, para que não haja a comparação entre as crianças – “melhor ou pior”.

A minoria dos avaliados não utiliza o Código de Pontuação como parâmetro, por acreditar que o importante é manter o interesse das crianças pela modalidade, a fim de gerar prazer e melhorar o seu desenvolvimento motor. Além disso, há o conflito de ideias entre alguns participantes, que convergiram nos seguintes pontos: desenvolvimento de habilidades da modalidade e execução técnica correta, chegando o mais próximo da perfeição, dos movimentos.

A iniciação é a fase em que a criança conhece o esporte e suas possibilidades, devendo promover benefícios ao seu desenvolvimento integral. Quando se utiliza um regulamento, fundamentado em técnicas e níveis de exigências, perde-se toda a função e o objetivo que a iniciação esportiva tem de passar às crianças.

Os dados foram interessantes, significativos e muito relevantes para a pesquisa, pois a partir deles pôde-se identificar um dos motivos pelo qual ocorre a especialização precoce na GA, e perceber a importância que os técnicos dão para a perfeição dos movimentos executados.

A visão inicial da pesquisa foi concretizada com base na análise dessa questão, pois no início da pesquisa já acreditava-se nas normativas do Código de Pontuação como o principal parâmetro para lecionar as aulas de iniciação. E com isso foi possível atingir o objetivo esperado.

Questão 14: “Qual sua opinião sobre a especialização precoce na Ginástica Artística?”

Tabela 14 – Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 14

Sujeitos	Unidades de Contexto (UC)
1	Os mais aptos devem iniciar sua especialização mais cedo, pois possuem capacidades físicas e psicológicas necessárias ao treinamento da modalidade.
2	A especialização precoce é um acontecimento mundial e requisito da própria modalidade.
3	Acredito que, como qualquer atividade, a Ginástica pode ser ou não ser prejudicial para o praticante, dependendo muito da condução do trabalho.
4	A flexibilidade, coordenação e equilíbrio são fundamentais para a formação de um ginasta e o período sensível dessas capacidades e habilidades está em torno dos 4 aos 8 anos, então essa é uma das repostas do porque ginastas precisam iniciar cedo os seus treinamentos. É claro, devemos ter muito cuidado e cautela, pois sabemos que treinamentos excessivos no período de maturação são delicados.
5	E uma situação comum na Ginástica Artística a especialização precoce. Realmente algumas habilidades que são adquiridas cedo facilita a performance de atletas posteriormente, porém deve ser respeitado o nível maturacional de cada um.

6	Não há necessidade de que isso ocorra muito cedo. Pontos: não há garantia de que a criança irá realmente seguir a carreira de ginasta; acaba tirando do indivíduo a possibilidade de outras vivências motoras; a criança é inserida no processo sem que se considere o seu desejo.
7	Trata-se de um esporte que a especialização desde cedo influencia muito no desempenho do atleta, porém se realizada de forma precoce e errada, pode influenciar negativamente no desenvolvimento da criança, tanto físico como psicológico.
8	A criança deva experimentar diversos esportes e habilidades esportivas antes de se especializar em uma coisa só, mas se demonstrar um talento natural para o esporte, não vejo problema na especialização, desde que ela não deixe de lado outros aspectos de sua vida.
9	Existem muitas crianças talentosas, e precisam de cautela para que não se desestimulem.
10	Quando o atleta tem objetivos competitivos, é necessário muito preparo físico, muita dedicação e um biótipo que favoreça. É necessário que tudo na ginástica acompanhe as mudanças fisiológicas e isso às vezes não acontece, principalmente por falha dos técnicos e dirigentes. Faixa etária de iniciação é muito nova.
11	A Ginástica Artística é uma modalidade para corpos jovens. A especialização precoce pode não ser a mais saudável, porém, com maior possibilidade de resultado.
12	A modalidade possui características que favorecem a prática precoce. Com os devidos cuidados em relação à carga e volume de treino, não vejo problema dessa prática precoce.
13	Se a criança demonstra habilidade para esta modalidade não há problemas.
14	Não sou muito a favor da especialização precoce. A especialização é feita a partir de uma faixa etária muito baixa, trazendo responsabilidades.
15	Não acho errado desde que a criança esteja feliz.
16	A complexidade de movimentos da ginástica contemporânea requer que crianças comecem bem cedo a especialização. Além disso, o trabalho de ajuda manual é muito intenso e este é feito, principalmente, quando a criança é jovem e leve.
17	Se for do desejo da criança não há problema em possibilitar uma maior evolução técnica e um treinamento centrado na aquisição de elementos de maior complexidade, contanto que se respeite a faixa etária da criança e as suas limitações energéticas e não se reproduza o mesmo treinamento destinado a adultos.
18	Sou contra a especialização precoce em qualquer modalidade esportiva, por ser cansativa e dolorosa, não é uma prática saudável. A iniciação é a fase de aquisição motora, e as crianças devem praticar um pouco de cada esporte.
19	Não tenho uma opinião concreta, pois a especialização precoce não é uma coisa ruim. Através disso a criança adquire experiências que serão boas para a sua vida.
20	A especialização precoce não é algo “monstruoso”, caímos nela para desenvolver a modalidade. Existem bons técnicos que sabem trabalhar o atleta para minimizar lesões e desenvolver, de forma correta, as capacidades físicas exigidas na modalidade. A especialização precoce deve-se dar apenas com aceitação da família como um todo.
21	A especialização precoce é uma escolha determinada muitas vezes pelos responsáveis da criança, que não tem conhecimento de como ocorre o processo de preparação do atleta, ou pode ser pela vontade da própria criança, que é instigada pela mídia. Acredito que ainda assim, tenha pontos positivos

Unidades de Registro

Tabela 15 – Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 14

Sujeitos	Unidades de Registro (UR)
1	Os mais aptos devem iniciar sua especialização mais cedo, pois possuem capacidades físicas e psicológicas necessárias ao treinamento da modalidade.
2	A especialização precoce é um acontecimento mundial e requisito da própria modalidade.
3	Depende muito da condução do trabalho.
4	Devemos ter muito cuidado e cautela, pois sabemos que treinamentos excessivos no período de maturação são delicados.
5	A especialização precoce é comum na GA. Algumas habilidades adquiridas cedo facilita a performance de atletas posteriormente, porém deve ser respeitado o nível maturacional.
6	Não existe a necessidade de que isso ocorra muito cedo.
7	Influencia no desempenho, mas se realizada de forma precoce e errada, pode influenciar negativamente no desenvolvimento da criança, tanto físico como psicológico.
8	A criança deve experimentar diversos esportes antes de se especializar em uma coisa só, mas se demonstrar um talento natural para o esporte, não há problema.
9	Existem muitas crianças talentosas, e precisam de cautela para que não se desestimulem.
10	Falha dos técnicos e dirigentes. Necessidade de utilizar atletas ainda novas. Faixa etária de iniciação é muito nova.
11	Modalidade para corpos jovens. A especialização precoce pode não ser a mais saudável, porém, com maior possibilidade de resultado.
12	Modalidade possui características que favorecem a prática precoce. Com os devidos cuidados, não há problema.
13	Se a criança demonstra habilidade para esta modalidade não há problemas.
14	Não sou a favor. A especialização é feita a partir de uma faixa etária muito baixa.
15	Não acho errado desde que a criança esteja feliz.
16	A complexidade de movimentos requer que crianças comecem bem cedo a especialização. O trabalho de ajuda manual é feito, principalmente, quando a criança é jovem e leve.
17	Não há problemas se houver o desejo da criança, desde que respeite suas limitações.
18	Sou contra, por não ser uma prática saudável.
19	A especialização precoce não é uma coisa ruim.
20	A especialização precoce não é algo ruim, mas depende do trabalho realizado pelos técnicos. A aceitação e ajuda da família é fundamental neste processo.
21	A especialização precoce tem pontos positivos. É influenciada muitas vezes pelos responsáveis da criança.

Categorização

Tabela 16 – Categorização estabelecida da questão número 14

Categorização	Frequência / Sujeito
Especialização precoce é necessária nesta modalidade	3
Contra a especialização precoce	3
A faixa etária é muito baixa	3
Falha de técnicos e dirigentes	1
Não há problema em se especializar precocemente/possui pontos positivos	9
Depende da condução do trabalho	3
Deve haver mais cuidado e cautela	6
Maior chance de resultado/Facilidade/Desempenho	3
Ajuda no trabalho manual – técnicos	1
Características favoráveis – crianças	2
Aceitação e ajuda da família neste processo	1
É influenciada pelos responsáveis da criança	1

Interpretação dos dados

Houve uma diversificação de respostas muito grande nesta questão (14), por se tratar de um assunto muito polêmico e de difícil solução.

A maior parte dos sujeitos afirma que não há problema algum as crianças se especializarem precocemente na Ginástica Artística, pois a modalidade requer isso para que se constituam novos talentos. Estes novos talentos se formam cada vez mais cedo devido às características favoráveis presentes nas crianças, e também à facilidade no trabalho manual dos técnicos – quando devem auxiliá-las nos movimentos acrobáticos. Contudo, ainda existe a preocupação com a criança, quando se trata deste assunto, devendo-se ter mais cuidado e cautela na condução do trabalho precoce.

Alguns afirmam que a especialização precoce pode não ser a mais adequada, porém, a que tem maior possibilidade de resultado, pois as crianças ainda estão em fase de desenvolvimento.

A minoria dos avaliados é absolutamente contra a especialização precoce, pois acreditar que essa possa prejudicar o desenvolvimento da criança, dependendo de como for trabalhada. Muitas vezes, esta especialização, quando ocorre antes de uma idade apropriada, é influenciada pelos responsáveis das crianças, que as inserem na

modalidade sem conhecer o processo de preparação do atleta.

O problema em questão não é o de inserir a criança na GA, mas sim o de especializá-las. Muita coisa está em jogo no processo de especialização, pois a carga de treinamento e o desgaste físico e emocional aumentam e a disponibilidade para outras funções diminui. Àqueles que não estão realmente preparados, sofrem neste processo por não suportar as cargas e as mudanças repentinas.

Há também uma cobrança por parte dos dirigentes das instituições e dos pais, que esperam resultados significantes dos praticantes, o que é muito difícil de lidar e acaba prejudicando todo o trabalho planejado pelos técnicos.

Essa é, de todas, a questão mais complicada, pois muitos não possuem uma opinião formada sobre o assunto. Foi possível identificar que a opinião de cada um varia de acordo com a formação, ou seja, se o técnico foi um ex-atleta ele terá uma opinião diferente daquele que vivenciou a modalidade na Universidade.

A especialização precoce pode ser a maneira mais rápida de formar um atleta de alto rendimento, mas ao mesmo tempo, prejudica em outros fatores, não levando em consideração o desenvolvimento e a vontade do praticante.

Questão 15: “Em sua opinião, quais seriam as possíveis soluções para a diminuição desta iniciação precoce (em nível nacional e/ou mundial)?”

Tabela 17 – Unidades de Contexto (UC) estabelecidas da questão número 15

Sujeitos	Unidades de Contexto (UC)
1	Um melhor trabalho de seleção de talentos, para não se perder tempo com crianças inaptas para a ginástica de competição.
2	Aumentar a idade para participação em campeonatos oficiais, tomando cuidado para que a maior permanência das meninas na modalidade não aumente também a quantidade de lesões.
3	A alteração das idades para cada categoria seria um bom começo; idades mínimas mais altas para a participação em eventos competitivos também.
4	Mudança das idades por categorias. Mudança também as exigências de cada categoria, e assim não seria necessários grandes períodos de treinamento na infância.
5	Mudar as idades das categorias.
6	Elevar um pouco as idades das categorias mais baixas e/ou diminuir o nível de exigência poderia ser um começo. Trabalhar diretamente com os técnicos, para que exista um processo de conscientização sobre a importância de uma iniciação consistente e os problemas da especialização antecipada também poderia ser uma medida adotada.
7	Os profissionais devem estar atentos ao momento de vida e desenvolvimento do atleta, respeitando seus limites e prioridades.

8	Experimentar diversos esportes e habilidades esportivas antes de se decidir por um. Aumentar a idade de participação nos campeonatos mundiais para tentar frear a entrada de crianças muito novas nos treinamentos.
9	Diminuição das exigências nas categorias pré infantil e infantil.
10	Se a participação em campeonatos começasse com idade mais avançada, isso forçaria as ginastas praticar por mais anos antes de iniciar as competições.
11	Investimento em CT, cursos profissionalizantes, estudos aprofundados, massificação.
12	Estipulação de limite mínimo de idade para participação em competições de nível nacional e internacional. Evitar carga e volume excessivos de treino também pode contribuir.
13	Não vejo isso como um problema então não há o que solucionar.
14	Teria de ser reformulado o código de pontuação com alterações nas faixas etárias de divisões de categorias, estímulos governamentais para o prolongamento da vida esportiva do ginasta.
15	Se aumentarmos as idades nos códigos de pontuação nas suas categorias e facilitar os mesmos, com certeza iria diminuir esse problema.
16	Existem esportes que esta precocidade não é um problema e sim uma necessidade.
17	Um maior estudo, conhecimento, consciência e sensatez por parte dos técnicos e maior quantidade de estudos nesta área enfatizando os diferentes objetivos da ginástica artística no âmbito da iniciação e do treinamento.
18	Para diminuir a iniciação precoce deveria existir alguma norma ou regra em relação ao tempo e quantidades de dias de treinamento para que não fosse tão extenuante.
19	Não tem como diminuir a iniciação precoce neste esporte, pois é através dessa idade que determinamos as ginastas que podem ou não seguir carreira.
20	Primeiramente alteraria as idades e categorias – deixaríamos de ter ginastas com 15 anos no adulto, competindo em grandes eventos internacionais. Ainda assim precisaríamos do trabalho psicológico associado para desenvolvimento cognitivo. O processo de ensino e aprendizagem da modalidade também deveria começar mais tarde.
21	Tratar a modalidade como um instrumento de desenvolvimento da criança, sem o peso de torná-la grande atleta. Fazer a criança vivenciar sem a aprisionar, deixar que ela decida o que quer fazer.

Unidades de Registro

Tabela 18 – Unidades de Registro (UR) estabelecidas da questão número 15

Sujeitos	Unidades de Registro (UR)
1	Melhor trabalho de seleção de talentos.
2	Aumentar a idade para participação em campeonatos oficiais.
3	Alteração das idades nas categorias.
4	Mudança das idades por categorias. Mudar as exigências de cada categoria.
5	Mudar as idades das categorias.
6	Elevar um pouco as idades das categorias mais baixas. Diminuir o nível de exigência. Processo de conscientização dos técnicos.
7	Profissionais atentos ao desenvolvimento do atleta, respeitando seus limites e prioridades.
8	Experimentar diversos esportes. Aumentar a idade de participação em campeonatos.

9	Diminuição das exigências nas categorias pré infantil e infantil.
10	Se a participação em campeonatos começasse com idade mais avançada.
11	Investimento em CT. Cursos profissionalizantes. Estudos aprofundados. Massificação.
12	Estipulação de limite mínimo de idade para participação em competições de nível nacional e internacional. Evitar carga e volume excessivos de treino.
13	Não vejo isso como um problema, então não há o que solucionar.
14	Alterações nas faixas etárias de divisões de categorias.
15	Aumentar as idades nos códigos de pontuação nas suas categorias e facilitar os mesmos.
16	Existem esportes que esta precocidade não é um problema e sim uma necessidade.
17	Maior estudo na área por parte dos técnicos.
18	Criação de uma norma em relação ao tempo e quantidades de dias de treinamento específico
19	Não há como diminuir a especialização precoce.
20	Alteração das idades e categorias. Diminuir a idade de início ao treinamento da modalidade.
21	Tratar a modalidade como um instrumento de desenvolvimento da criança, fazendo com que ela vivencie e decida o que quer fazer.

Categorização

Tabela 19 – Categorização estabelecida da questão número 15

Categorização	Frequência / Sujeito
Melhor trabalho de seleção de talentos	1
Aumentar a faixa etária mínima por categoria em campeonatos	11
Mudança nas exigências do código de pontuação	4
Processo de conscientização dos técnicos	3
As crianças devem experimentar outros esportes	1
Investimento em centros de treinamento	1
Cursos profissionalizantes/Estudos aprofundados	2
Massificação do esporte	1
Evitar carga e volume excessivos de treino	1
Não há problema em se especializar precocemente - crianças	2
Não há como diminuir a especialização precoce	1
Atenção do técnico ao desenvolvimento da criança	1
Criação de uma norma para diminuir tempo e quantidades de treinamento.	1
Tratar a modalidade como instrumento de desenvolvimento	1
Deixar com que a criança decida o que é melhor para ela	1

Interpretação dos dados

Alguns participantes da pesquisa propuseram soluções para esse “dilema” da modalidade com relação à especialização precoce: aumentar a faixa etária mínima das categorias existentes nos campeonatos, impossibilitando que as crianças mais novas passem para uma fase de treinamento que não é a ideal para a sua idade; e a mudança das exigências presentes no Código de Pontuação da modalidade, adequadas às categorias da modalidade.

Estas duas foram soluções proporcionadas pela maioria dos participantes da pesquisa, não por todos, e juntamente a elas, deve haver um processo de conscientização dos técnicos e professores, para que os mesmos respeitem os limites de cada criança e entenda suas particularidades.

As crianças devem vivenciar outras modalidades antes de escolher e se dedicar apenas por uma, lembrando que a GA possui fundamentos essenciais, que favorecem a prática de qualquer outro esporte. Mas caso a escolha seja de praticar apenas a GA, ela deve ser usada como um instrumento de desenvolvimento e formação do indivíduo. É importante deixar que a criança decida o que é melhor para ela, o que ela tem prazer em fazer.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os dados obtidos por meio das respostas dos questionários foi possível atingir o objetivo da pesquisa, que era o de analisar de que maneira e com qual frequência o Código de Pontuação da Ginástica Artística se tornou parâmetro para as aulas de iniciação esportiva e a passagem para o treinamento, ressaltando que a iniciação à modalidade é o primeiro contato da criança com a prática esportiva, e a mesma não pode ser prejudicial para o desenvolvimento da criança.

A maioria dos participantes/entrevistados tem conhecimento do problema que se tornou a especialização precoce, porém, afirmam que o mesmo é de difícil solução, por já ter se tornado comum no meio esportivo. Mas ao mesmo tempo, deram soluções interessantes para este problema, como por exemplo, a diminuição da faixa etária nas categorias de campeonatos nacionais e internacionais, e/ou uma mudança nos níveis de exigências/dificuldade por categoria. Porém, esta é uma decisão que pertence aos órgãos superiores, responsáveis pela ginástica no âmbito nacional – CBG e internacional – FIG, mas que tanto a comunidade acadêmica quanto os profissionais envolvidos (professores e técnicos), podem colaborar para juntos dialogarem e solicitarem dos órgãos federativos um novo posicionamento.

Praticamente todos os sujeitos participantes da pesquisa afirmaram que utilizam como parâmetro para as aulas de ginástica o CP, por este se constituir como um “norte” para que a criança tenha sucesso nas competições. Entretanto, o regulamento faz com que, indiretamente, seja necessário que a criança execute os movimentos perfeitos, para que receba a nota máxima, e portanto, a premiação, mas para que isso ocorra é exigido muito treinamento com cargas elevadas, ocasionando muitas vezes lesões, desmotivação e a desistência da prática. Esses fatores são negativos, gerando frustração, afetando tanto o desenvolvimento motor quanto o psíquico, impossibilitando o prazer pela prática e as vivências que o esporte deveria proporcionar. Tudo isso para que uma vez ou outra se forme um campeão.

A pesquisa foi realizada com técnicos que lecionam em instituições como, clubes, academias, centros esportivos, etc, e também com professores que lecionam em escolas, porém, com o treinamento específico da GA. Contudo, mesmo ambos trabalhando com fases do treinamento, foi possível identificar uma grande diferença do trabalho realizado na escola e em instituições esportivas.

O trabalho realizado na escola possui um caráter mais lúdico, possibilitando a

vivência da modalidade para todos que tem o mínimo de interesse. Já o trabalho realizado em instituições esportivas possui um processo de seleção mais firme e direcionado. Distinções estas que entendemos como coerentes para os respectivos contextos de aprendizagem, ressaltando-se apenas que a primeira fase da iniciação à modalidade pode, e deve, ter um caráter mais lúdico, criativo, como apontam autores: Schiavon (1996), Nista-Piccolo (2005), Nunomura (2005, 2010), Tsukamoto (2005, 2010), Brochado (2011), Paes (2005) e Balbino (2005).

Alguns sujeitos, porém poucos, afirmam que a GA é uma modalidade que requer uma especialização precoce, pois a infância é a fase onde a criança ainda não teve sua maturação completa, e com isso, acaba tendo uma série de facilidades na execução de alguns movimentos. No entanto, não se leva em consideração a integridade física da criança, e o que o treinamento rígido pode causar no seu desenvolvimento psicomotor. Isto pode não só prejudicar a criança, como também fazê-la desistir da prática esportiva, o que não será adequado para o seu futuro.

Consideramos que as perguntas causaram, de algum modo, uma reflexão os avaliados, que participam do processo de formação esportiva, lecionando para as fases de iniciação e/ou treinamento específico à modalidade.

Por fim, com os resultados obtidos pela pesquisa, concluímos que as normativas do Código de Pontuação interferem no processo de iniciação esportiva, ocasionando muitas vezes a especialização precoce, pois são utilizadas pelos técnicos/professores de Ginástica Artística como parâmetro para as aulas da modalidade. No entanto, também foi possível concluir que há soluções para a resolução dessa situação, que requer um trabalho coletivo entre os profissionais envolvidos na modalidade (pesquisadores, técnicos, professores, dirigentes federativos etc) e que desejam que ela se desenvolva no país, de maneira adequada para o desenvolvimento humano e para o sucesso esportivo.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

- ABTIBOL, L. G. **Ginástica Olímpica**. Editora Tecnoprint S.A., 1980
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 2011.
- BENTO, J. O. Contexto e perspectivas. In: BENTO, J. O.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Contextos da Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BOMPA, T. O. **Total training for young champions**. Champaign: Human Kinetics, 2000.
- BOMPA, T. O. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. 4. ed. São Paulo, SP: Phorte, 2002.
- BROCHADO, F. A; BROCHADO, M. M. V. **Fundamentos de Ginástica Artística e de Trampolins**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2011.
- CAMPOS, P. A.; NISTA-PICCOLO, V. L. **Especialização precoce na ginástica artística**. Campinas, SP, 1997. 49 p.
- CARRARA, P.; MOCHIZUKI, L. Influência do Código de Pontuação no treino da Ginástica Artística Masculina. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.4, p.691-699, out./dez. 2011.
- CLICRBS. Meninas do Brasil se garantem em finais da ginástica artística (disponível em www.clicrbs.com.br > acessado 5 de Junho de 2015).
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (disponível em www.cob.org.br > acessado em 5 de Junho de 2015)
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA (disponível em www.cbginastica.com.br > acessado em 20 de Março de 2015).
- DUARTE, Luiz Henrique. **O medo na Ginastica Artística feminina: estudo com atletas da categoria pré-infantil**. 2008. Dissertação (mestrado em Educação Física ou Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ESTADÃO ESPORTES. Disponível em: esporte.uol.com.br > acessado em 5 de Junho de 2015.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (disponível em www.fig-gymnastics.com > acessado em 20 de Março de 2015).
- GAIO, R; GOIS, A. A.; BATISTA, J. C. F. **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2.ed. São Paulo: Phorte, 2010

- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamento de Metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MATTAR, F.N. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.
- NUNOMURA, Myrian; PICCOLO, Vilma Lení Nista. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2005
- NUNOMURA, M.; PIRES, F. R.; CARRARA, P. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas**, v. 31, n. 1, p. 25-40, setembro 2009.
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; CARBINATTO, M. V. Análise dos objetivos dos técnicos na Ginástica Artística. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.1 p.95-102, jan./mar. 2010.
- NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 159-176, 2005
- NUNOMURA, M. **Técnico de ginástica artística: uma proposta para a formação profissional**. 2001. 181f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.
- _____. **Ginástica Artística**. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.
- NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. Centro de excelência e ginástica artística feminina: A perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.2, p.378-392, abr./jun. 2012.
- NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. (orgs). **Fundamentos das Ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009.
- NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.24, n.3, p.305-14, jul./set. 2010.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- PAES R.R; BALBINO H. F. **Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- PUBLIO, N. S. **Evolução Histórica da Ginástica Olímpica**. 1a. ed. Guarulhos-SP: Phorte Editora, 1998. v. 2.000. 311 p
- RAMOS, A. M; NEVES, R. L. R. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade. **Pensar à pratica**, 2008, v.11, n.1, p.1

ROSA NETO, Francisco. **Manual de Avaliação Motora**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SABBAG, S. **Percepção dos estereótipos de gênero na avaliação do desenvolvimento motor de meninos e meninas**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física, Fisioterapia e Desporto – CEFID. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, 2008.

SANTOS, J. C. E., PUBLIO, N. S., ALONSO, H., CRAUSE, I., POLI, M. E., BASTOS, S. A., AMBRÓSIO, M. P. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

SCHAEHT, A. M.; **A pedagogia da ginástica artística na visão de técnicos e professores**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). 2006. Xxf. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano do Centro de Educação Física e Desportos (CEFID). Florianópolis/SC, 2006.

SHCHIAVON, L. M. **A Ginástica Artística como conteúdo da Educação Física Infantil**. Monografia de Graduação. Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 1996.

_____. **Ginástica Artística feminina e História Oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)**. 2009. 379f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

SCHIAVON, L.M.; PAES, R.R. Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.4, p.757-769, out./dez. 2012.

TOLEDO, E. A ginástica rítmica e artística no ensino fundamental: uma prática possível e enriquecedora. In: MOREIRA, E.C. (org). **Educação Física Escolar - desafios e propostas I**. 2a. ed. Jundiaí: Fontoura, 2009.

UOL ESPORTE. Disponível em: esportes.estadao.com.br > acessado em 5 de Junho de 2015.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal**. São Paulo: Ed. Manole, 1999.

APÊNDICE A – Questionário



QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA

A pesquisa objetiva analisar o impacto causado pelas normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística, verificando como elas podem influenciar as crianças à nível de iniciação ao treinamento da modalidade e que, conseqüentemente, são incluídas precocemente no ambiente de competição. O instrumento de pesquisa será um questionário, que será enviado aos professores/técnicos de Ginástica Artística, de instituições do estado de São Paulo, que participam de campeonatos à nível de iniciação ao treinamento. Todos os dados obtidos serão utilizados somente para fins científicos, sendo que sua identidade será mantida sob sigilo. Agradecemos sua contribuição de grande valia para o essa pesquisa e para o desenvolvimento da Ginástica Artística!

Aluna: Valéria Ruiz / Orientadora: Profa. Dra. Eliana de Toledo

Faculdade de Ciências Aplicadas – Curso de Ciências do Esporte – UNICAMP/ Limeira

PERGUNTAS

- 1) Nome: _____
- 2) Instituição (ões) para a(s) qual(is) trabalha: _____
- 3) Há quanto tempo é professor ou técnico de Ginástica Artística aproximadamente?
() anos () meses
- 4) Você leciona para: GA Feminina () e/ou GA Masculina ()
- 5) Turmas ou níveis para os quais leciona ou já lecionou:
() iniciação () intermediário () treinamento
- 6) Para qual ou quais faixas etárias leciona ou já lecionou:
() crianças () adolescentes () adultos

- 7) Você segue alguma metodologia específica de ensino nas aulas de iniciação ao treinamento da GA às crianças?

() Sim () Não

Caso sim, especifique qual: _____

Caso não, possui um método próprio ou adotado pela instituição à qual trabalha?
Explique-o resumidamente. _____

- 8) Qual a faixa etária em que as crianças iniciam a prática à modalidade?

A partir de () anos

- 9) E às turmas de treinamento?

A partir de () anos

- 10) Em qual nível e faixa etária as crianças iniciam a participação em:

Campeonatos de massificação: () anos

Campeonatos para federados: () anos

- 11) Quais são os critérios para que as crianças iniciem a participação em campeonatos e por quê? _____

- 12) Quais são os critérios para que a criança passe da fase de iniciação para a fase de treinamento (faixa etária, execução de determinadas habilidades, tempo de vivência na “escolinha”, etc)? _____

- 13) Para as suas aulas na iniciação, você utiliza, de algum modo, como parâmetro as normativas do Código de Pontuação da modalidade? E/ou normas de competições (que também se balizam pelo Código)? Como e Por quê? _____

- 14) Qual sua opinião sobre a especialização precoce na Ginástica Artística? _____

- 15) Em sua opinião, quais seriam as possíveis soluções para a diminuição desta iniciação precoce (em nível nacional e/ou mundial)? _____

APÊNDICE B – Carta Convite



CARO (A) _____,

Vimos por meio desta carta convidá-lo (a) a participar da pesquisa intitulada “*A interferência das normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística na iniciação esportiva de crianças à modalidade: Um olhar pedagógico*”, sendo esta aprovada pelo Programa institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPQ, na edição 2013/2014. Participam desta pesquisa professores/técnicos de Ginástica Artística, de instituições da cidade de São Paulo, envolvidos em campeonatos de não federados, com crianças.

A pesquisa objetiva analisar o impacto causado pelas normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística na iniciação ao treinamento da modalidade e que, conseqüentemente, também faz com que as crianças se envolvam precocemente no ambiente de competição. O instrumento de pesquisa será um questionário, com perguntas abertas e fechadas, que está sendo enviado juntamente com esta carta convite e com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que também deve ser assinado. Todas as informações disponibilizadas nos questionários serão sigilosas e esta pesquisa conta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Sua colaboração é de grande relevância para a pesquisa, dado que poderá nos ajudar a aproximar os estudos acadêmicos das práticas cotidianas do ginásio, numa colaboração mútua para o melhor desenvolvimento da ginástica em nosso país.

Agrademos antecipadamente a sua participação.

Valéria de Souza Ruiz

Bolsista PIBIC

Graduanda na Faculdade de Ciências Aplicadas – UNICAMP

Curso de Ciências do Esporte

Profa. Dra. Eliana de Toledo – FCA

Orientadora

Docente na Faculdade de Ciências Aplicadas – UNICAMP

Curso de Ciências do Esporte

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Apex – Área de Pesquisa e Extensão
Faculdade de Ciências Aplicadas – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Rua Pedro Zaccaria, 1300 – Jardim Santa Luiza – Limeira, SP
Telefone (19) 3701-6662 / Endereço eletrônico apex@fca.unicamp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Técnico / Professor,

Esta pesquisa tem o foco na iniciação esportiva ao treinamento de crianças praticantes da Ginástica Artística, que são incluídas precocemente no ambiente da competição, a fim de identificar o impacto que o regulamento da modalidade possui sobre estes praticantes e como os técnicos lidam com este fator.

A pesquisa é intitulada como “*A interferência das normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística na iniciação esportiva de crianças à modalidade: Um olhar pedagógico*”, e apresenta como objetivos:

Objetivo geral:

Analisar as normativas do Código de Pontuação da modalidade denominada Ginástica Artística, verificando como elas podem influenciar as crianças desde a iniciação ao treinamento da modalidade e que, conseqüentemente, são incluídas precocemente no ambiente de competição. Desta forma, a pesquisa pode colaborar para diminuir a especialização precoce, e indiretamente, possibilitar que as crianças continuem com a prática da modalidade, uma vez que o praticante já terá seu desenvolvimento completo, sendo mais difícil a desistência da prática.

Objetivos Específicos:

- a) identificar a metodologia utilizada pelo técnico / professor na fase de ensino primária da Ginástica Artística – iniciação esportiva;
- b) analisar quais são os interesses e as preocupações dos técnicos da modalidade nesta fase de ensino;

c) verificar de que maneira a especialização precoce de ginastas é tratada pelos professores que aplicam o treinamento de iniciação;

d) analisar quais são os impactos que as normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística causam nas crianças praticantes da modalidade, a fim de colaborar para que não haja especialização precoce sobre elas.

Porém, cabe lembrar-lhe que a qualquer momento você poderá retirar seu **consentimento livre e esclarecido** e deixar de participar da pesquisa.

É importante também salientar que tanto o seu nome como o da instituição em que atua serão mantidos em sigilo, sendo utilizado como identificação letras e números. Entretanto, preciso do seu consentimento para que, posteriormente, os dados desta investigação possam ser interpretados e publicados em artigos e eventos científicos. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração que segue abaixo.

Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

“A interferência das normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística na iniciação esportiva de crianças à modalidade: Um olhar pedagógico”.

Eu, _____, idade ____ (anos), sob RG: _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade dos pesquisadores **Graduanda Valéria de Souza Ruiz, orientada pela Profa. Dra. Eliana de Toledo Ishibashi**, que integram o curso de Graduação em Ciências do Esporte da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Assinando este Termo de Consentimento, estarei ciente de que:

1 – O presente estudo tem por objetivo analisar a interferência das normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística na iniciação esportiva ao treinamento de crianças praticantes da modalidade em nível competitivo;

2 – Durante a pesquisa será aplicada um questionário individual com técnicos e/ou professores que aplicam o treinamento de iniciação ao treinamento em crianças praticantes da modalidade;

3 – Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa, bem como a possibilidade mínima de riscos no fato de eu me sentir constrangido (a) com alguma pergunta existente no questionário;

4 - Terei benefícios na contribuição que a pesquisa pode trazer à minha atuação; também poderei sentir-me útil em contribuir para a diminuição da especialização precoce, e indiretamente, possibilitar que as crianças continuem com a prática da modalidade.

5 – Estou livre para interromper a qualquer momento a minha participação na pesquisa, seja qual for o motivo;

6 – Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo, sendo que os questionários respondidos serão descartados após a transcrição. Os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos propostos, incluindo sua publicação na literatura científica especializada;

7 – Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para apresentar recursos ou reclamações referentes aos aspectos éticos da pesquisa através do telefone (19) 3521-8936 ou (19) 3521-7187 ou através do endereço Rua Tessália Oliveira de Camargo, 126 – Cidade Universitária Zeferino Vaz – CEP: 13083-887 – Campinas, SP.

8 – Poderei entrar em contato quando julgar necessário, para esclarecimento de qualquer tipo de dúvida recorrente à pesquisa, com a responsável pelo estudo, Valéria de Souza Ruiz, através do telefone (11) 96437-3250, ou diretamente na Apex (Área de Pesquisa e Extensão) da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, no endereço Rua Pedro Zaccaria, 1300, Jardim Santa Luiza, Limeira - SP, telefone (19) 3701-6662, ou através do endereço eletrônico apex@fca.unicamp.br.

9 – Este Termo de Consentimento possui duas vias, permanecendo uma via em meu poder e outra com o pesquisador responsável;

São Paulo, ____ de _____ de _____.

Assinatura do voluntário

Nome e assinatura do pesquisador responsável pelo estudo

Atenciosamente,

Valéria de Souza Ruiz (Orientanda) – Graduanda em Ciências do Esporte
Telefone: (11) 96437-3250 / Endereço eletrônico: vaal_ruiz@hotmail.com

Profa Dra. Eliana de Toledo Ishibashi (Orientadora) – Docente da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas

ANEXOS – Parecer do comitê de ética

FACULDADE DE CIENCIAS
MEDICAS - UNICAMP
(CAMPUS CAMPINAS)

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A interferência das normativas do Código de Pontuação da Ginástica Artística na iniciação esportiva de crianças à modalidade: um olhar pedagógico.

Pesquisador: Eliana de Toledo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 27530314.0.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Aplicadas - FCA

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 574.500

Data da Relatoria: 25/03/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de Iniciação Científica patrocinado pelo PIBIC/CNPq. A autora propõe estudar como as normativas do "Código de pontuação da ginástica artística" podem influenciar as crianças que participam de treinamento nesta modalidade esportiva. O projeto discute a ideia de que o cumprimento de metas com o objetivo de tornar-se um atleta de sucesso, em especial quando isto ocorre precocemente, pode prejudicar o desenvolvimento saudável da criança. É objetivo da autora investigar este assunto. Técnicos e professores em número de 29 serão convidados a responder um questionário, que está em anexo.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar como as normativas do "Código de pontuação da ginástica artística" pode influenciar as propostas pedagógicas de técnicos e professores de crianças que se iniciam no treinamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos aparentes, exceto por algum constrangimento ao responder o questionário. Entretanto, este é bastante adequado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa trata de um assunto importante, já que a prática esportiva quando aplicada a crianças deve promover o seu bem estar e um desenvolvimento sadio e não o stress ou outros danos ao

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

Bairro: Barão Geraldo

CEP: 13.083-887

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3521-8936

Fax: (19)3521-7187

E-mail: cep@fcm.unicamp.br

FACULDADE DE CIENCIAS
MEDICAS - UNICAMP
(CAMPUS CAMPINAS)



Continuação do Parecer: 574.500

seu desenvolvimento causados por um objetivo precoce e inadequado de obter sucesso profissional. Os sujeitos serão "técnicos que aplicam o treinamento para crianças em fase de iniciação da Ginástica Artística, de clubes que estão inseridos no ambiente de competição do estado de São Paulo, tendo em vista os clubes que participam do campeonato paulista de Ginástica Artística, na categoria pré-infantil e infantil". Não há autorização dos clubes, mas isto não parece ser necessário neste caso, já que a pesquisa é com os treinadores e o ambiente dos clubes não faz parte da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está adequado.

Recomendações:

Recomendamos incluir no TCLE a estimativa de tempo para se preencher o questionário.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

CAMPINAS, 31 de Março de 2014

Assinador por:
Fátima Aparecida Bottcher Luiz
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126

Bairro: Barão Geraldo

CEP: 13.083-887

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3521-8936

Fax: (19)3521-7187

E-mail: cep@fcm.unicamp.br